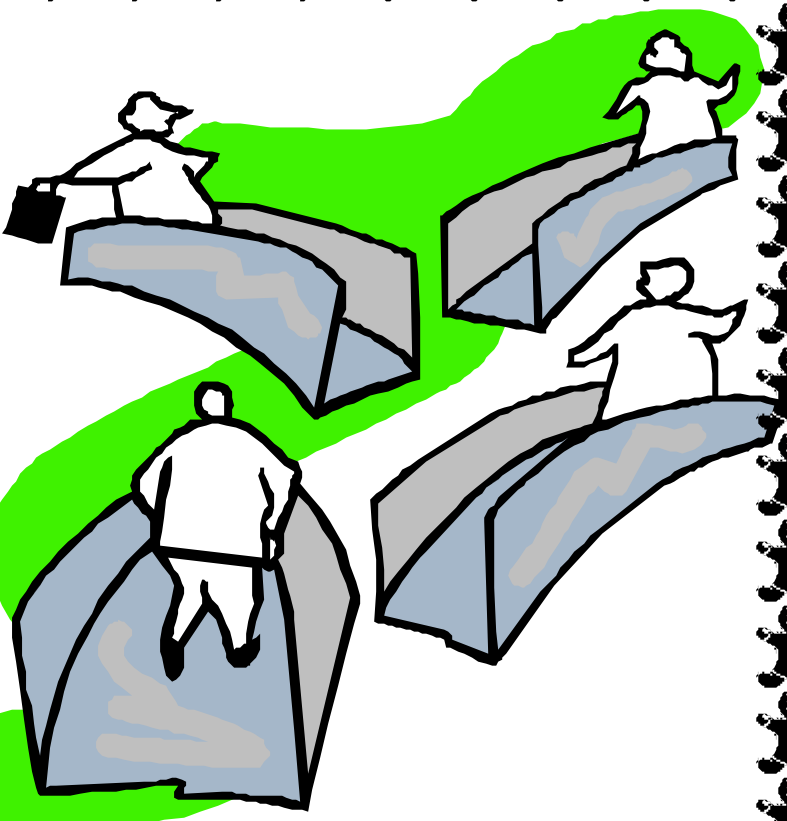


GENTE EM TRÂNSITO

Mônica Rocha

“Nos relatos que compõem o livro, acho que o ‘xeque-mate’ é dado na hora exata!

Permanece na gente a vontade de continuar lendo o caso.

É igual à comida gostosa que sempre deixa um irresistível desejo de querer mais”.

Marival Veloso de Matos, diretor da União Espírita Mineira, advogado e conferencista espírita.

ÍNDICE

João	05
Miriam	10
Tereza	16
Alexandre	21
André	26
Anacleto	31
Fernando	34
Margarida	38
Teresinha	41
Aldo	44
Vera	48
Paula	52
Ângela	58
Tadeu Frângelo, o Frei Ângelo	61
Janimar	64
Tereza Cristina	68
Carlota	72
Olívio	75
Paulão	80
Márcia Constantina	87

JOÃO

Meu nome é João. Nasci em uma cidade do interior de Minas Gerais há 27 anos.

Minha vida foi tranqüila no princípio, sem grandes lances de coragem ou covardia. Fui menino de pés no chão, subindo em árvores e correndo pelas ruas da minha conhecida cidade histórica. Brinquei de arco, de bola de gude e de cabra-cega. Fui guia de turista. Convivi com pessoas interessantes e fui feliz, muito feliz. Mas por pouco tempo.

Muito cedo perdi minha mãe e passei a residir com a nova mulher de meu pai, uma senhora séria, muito mais velha do que ele e, principalmente, que não gostava de crianças e não fazia segredo disso. Muito menos de crianças nascidas em outro casamento do marido...

De repente, acabaram-se as brincadeiras de menino despreocupado e feliz, embora eu só tivesse 11 anos de idade. Fui escalado para ajudar nas tarefas domésticas e para mim eram reservados os trabalhos mais complicados e horríveis, pelo menos sob a ótica de um menino. Nunca gostei de lavar banheiros e muito menos de arrumar cozinha. Cá entre nós, sempre achei que as meninas podem fazer isto melhor, pelo menos melhor que eu. Mas nunca pude discutir nem apresentar minha opinião. Pior e suprema humilhação para quem adorava chutar água na beira do rio: passei a ser obrigado a andar calçado e vestido, com camisas brancas e calças pretas, compridas também. Minha madrasta não admitia o meu antigo modo de trajar e agir. E detestava as brincadeiras de rua com os amigos.

Para complicar ainda mais as coisas, meu pai também mudou. E como! Passou até a usar barbas imensas e a se vestir como eu, sempre de mangas e calças compridas. E não saia mais de casa, a não ser para o trabalho e para as reuniões da nova comunidade religiosa que abraçou. Digo “comunidade religiosa” porque, sinceramente, nunca cheguei a entender bem que religião ou filosofia era aquela, se era antiga, conhecida, ou recém-criada. Meu amigo Diogo me falou – numa das poucas horas em que conseguimos conversar, escondidos – que o pai dele havia dito a ele que, naqueles dias, estavam sendo criadas muitas religiões novas por homens que se diziam guias e que, talvez, a de minha madrasta fosse uma delas.

Eu sentia falta – muita falta! – de uma porção de coisas. Principalmente das brincadeiras de papai. Ele sempre brincou muito comigo e acabávamos dando boas risadas! Mas qual! Para meu desespero, num dia ensolarado de verão, ele comandou uma estranha cerimônia no quintal de nossa casa, acompanhada por alguns companheiros: foram quebrados, estraçalhados, rádios, televisão, aparelho de som e espelhos. Depois de tudo bem moído – para que ninguém pudesse aproveitar as sobras – e jogado no lixo, todos comemoraram cantando em círculo, as mulheres de mãos dadas umas com as outras, os homens de braços cruzados.

E aí é que eu fiquei frito mesmo: tinha de ficar perfeitamente limpo e penteado, mas não podia usar espelho! E eu, que nunca soube pentear cabelo nem um pouquinho, tinha de me pentear sem ver! E como fazia falta a música!

Eu e Diogo arranjávamos, de vez em quando, um jeitinho de nos encontrarmos, porque éramos amigos e eu queria notícias do mundo que eu considerava normal.

Mas tudo acontecia rápido, estávamos sempre assustados, eram encontros difíceis e rápidos, porque eu estava sempre sendo vigiado. Mesmo assim, um dia, ele me arranjou um velho radinho de pilha e fiquei exultante. Isto, até chegar em casa e apanhar muito, além de ter que quebrar o radinho, eu mesmo, a marteladas.

E assim foi seguindo a vida, cada vez mais triste e estressante, até que completei 15 anos e papai me comunicou que, daquele dia em diante, teria que me sustentar sozinho, pois já era um homem. Vi aí uma chance de ficar livre, mas logo notei que estava enganado. Minha esperança acabou-se quando soube que iria trabalhar numa fazenda da comunidade, na lavoura, onde receberia pelo que produzisse.

A fazenda foi o susto seguinte e eu não acreditaria se não tivesse passado por ele. Sem estradas razoáveis, era um sacrifício chegar até lá. Não era sacrifício sair, simplesmente porque não se saía de lá: após o serviço de sol a sol na lavoura, à tardinha, éramos trancafiados em verdadeiras senzalas onde, após ouvirmos a palavra do líder – exortando-nos contra as maldades do mundo -, ordenavam que dormíssemos. No dia seguinte, éramos acordados de madrugada, com o sol nascendo. Tomávamos banho, comíamos e lá íamos nós de novo. Não podíamos conversar durante o trabalho, mas, mesmo assim, um dia criei coragem e perguntei a um instrutor por que vivíamos naquele regime duro. Ele me respondeu que o mundo era muito mau e estávamos sendo treinados para, um dia, sairmos dali. Neste dia, teríamos que saber ignorar as tentações, sermos fortes, comer só produtos plantados e colhidos em nossas fazendas e viver em comunidades com nossa gente, sempre vigiando contra as tentações e os inimigos da consciência. Não entendi

nada. Será que ele entendia e tinha certeza do que dizia?...

A vida foi correndo assim, eu completamente anestesiado e cada vez mais alienado em relação ao mundo. Comecei a perder os parâmetros e, lentamente, fui me esquecendo de tudo e só vendo e acreditando naquela fazenda e nos nossos instrutores. Seria este mesmo o objetivo dos que nos dirigiam?

Nunca tive salário e jamais peguei em dinheiro. Meu pai havia dito que eu receberia pelo que produzisse, mas não explicou tudo. Eu recebia sim, mas em alimentação e roupas.

Cartas ou notícias de casa ou de qualquer outro local, nunca! Nosso mundo era o ali e o agora.

Quando completei vinte e cinco anos, era um perfeito robô. Sabia executar tarefas mecânicas, mas nunca falava ou ria. Havia perdido a vontade louca de fugir, que me dominara no princípio. Afinal, se fugisse, para onde iria? Minha realidade única era a fazenda. Onde ficava o outro mundo do qual eu não tivera mais notícias? E alguém acreditaria na minha história?

Certa madrugada nós acordamos com vozes, gritos e até um estampido ouvimos. Alguém falou que estávamos sendo cercados pela Polícia. Tive dificuldade para entender, pois eu nem sabia mais o que era Polícia direito. Apático, não me interessava por nada. Mas pude notar que havia homens fardados e armados lá e estavam muito bravos. Assustado, como um animal encurralado, eu ouvi um policial dizer a um instrutor que alguém havia denunciado a organização e os dirigentes haviam sido presos na cidade. A fazenda estava sendo invadida e desativada e seríamos encaminhados a instituições na cidade, que nos readaptariam à vida normal.

Pela primeira vez em tantos anos, fiquei com muito medo, eu que pensava já não conseguir sentir emoção alguma. Tinha certeza que não queria voltar para a cidade. Nem me lembrava mais dela ou onde ela ficava.

Acuado, agachei-me no chão perto da cerca, encostei-me no mourão e comecei a chorar como uma criança desamparada e apavorada. Descobri que ainda sabia chorar e chorei mais ainda. Lembrei-me da minha infância, de mamãe e solucei pedindo socorro a ela.

Dois homens começaram a brigar perto de mim, um capataz e um policial. Vieram mais homens de todos os lados. E a briga ficou feia. Nossos guardas estavam enfrentando a polícia.

Alguém sacou uma arma bem a meu lado. E a última coisa de que me lembro e o último som que ouvi foi de um estampido. Desmaiei. Comecei a flutuar. Silêncio...

Há cerca de um mês, acordei numa cama, um quarto de residência alegre e feliz, cheia de sons e plantas. Pessoas delicadas me tratavam e me informaram eu tudo agora era diferente, que o pesadelo havia terminado. Uma moça que também mora aqui me contou que eu dormi dois anos! Não entendi bem que doença é esta que me fez dormir tanto tempo, mas provocou um despertar tão bom... Que me importa o nome da doença? Estou bem, tudo passou, é o que vale.

No momento em que passam pela minha cabeça estas breves recordações, estou também descobrindo de quem é a casa onde agora estou abrigado: é de minha mãe, que agora me abraça, com infinito carinho.

Estou em paz. Que mais preciso?

MIRIAM

Sou Miriam e aqui estou a muitos anos. Nem me preocupo em contar quantos... Sou muito feliz e trabalho na recepção daqueles que chegam desarvorados, sem compreender onde estão.

Minha vida transcorreu toda no Estado do Rio de Janeiro, onde nasci. Lá, eu era médica e trabalhava com loucos. Sempre gostei de pesquisar a mente humana, com muito carinho pelos meus pacientes. Cá, continuo médica. O trabalho é mais profundo e tenho maior capacidade de percepção dele.

Cresci numa família comum, pai, mãe, dois filhos homens e eu. Vivíamos num bairro de classe média, onde papai era advogado e minha mãe não trabalhava fora do lar. Meus irmãos seguiram a profissão paterna e os três tinham escritório juntos, trabalhando com direito criminal. Papai tinha fama de excelente criminalista.

Desde menininha eu dizia que queria ser médica. Gostava de tratar de minhas bonecas, receitar para elas. Tratava até do cachorrinho...

Ao começar a vida na faculdade, os desequilíbrios mentais me atraíram logo de início e direcionei meu caminho para este lado. Nunca acreditei em loucura, pura e simplesmente como doença. Sempre achei que atrás de cada louco há algo mais, algum tipo de pressão vinda de alguém muito parecido com ele, ou muito ligado a ele. A tortura mental do louco é muito grande: ele acredita na realidade de suas alucinações e sofre com elas. Ninguém pensa nisto, na parte mais terrível, que é esta. O louco atravessa barreiras com muita facilidade e, em certos

momentos, maravilhava-me, quando vislumbrava uma perfeita e estranha lucidez no centro de desvarios.

Quando me formei, fui trabalhar com meu tio, psiquiatra antigo e diretor de um sanatório mais antigo ainda. Lá os pacientes eram tratados com muito carinho e com métodos criados por ele, que incluíam relaxamento, musicoterapia, exercícios físicos, laborterapia, artes. A alta porcentagem de curas ou as grandes melhoras eram festejadas pela equipe.

Numa época em que o louco era segregado, levava choques elétricos e vivia isolado, amarrado, trancado, meu tio inventou, digamos assim, um novo método para tratar a loucura. E funcionava mesmo, apesar de parecer temerário. Seus pacientes não ficavam trancafiados nem eram dopados. Eram, sim, constantemente vigiados e assistidos e, principalmente, amados pela equipe do hospital. Esta equipe era toda formada por médicos e enfermeiros espíritas.

Minha mãe não gostou muito da minha ida para lá, pois nunca aceitou o trabalho do irmão, que ela considerava excêntrico e dizia que mexia com bruxarias. Só ela – na sua grande teimosia – não via que o trabalho dele estava sendo discutido até pela comunidade científica internacional. Pobre mamãe que se fazia de cega!

Com o tempo, eu comecei a me encantar com os espíritas e seu modo de ser e agir. Com a tranqüilidade e amor que imprimiam a seu trabalho. E, para desespero de mamãe, sua única filha tornou-se espírita também... Ela reagiu violentamente, dizendo que nunca mais queria me ver, que eu iria acabar muito mal, talvez louca também, pois ela sabia que quem mexe com espiritismo fica louco. Maldisse a minha ingratidão, invocando os sacrifícios imensos que fez por mim e que de nada haviam valido...

Coisas assim. Conversei muito com ela, mas... Pobre mamãe que, mais uma vez, se negava a ver!

Expulsa de casa por mamãe, que foi apoiada por papai e por meus irmãos, mudei-me definitivamente para o Sanatório. Afinal, parecia que eu havia nascido mesmo para enfrentar barreiras, começando por tornar-me médica numa época em que as mulheres mal tentavam sair da cozinha e dos afazeres domésticos. Aliás, sempre fui péssima na cozinha. Alguns colegas de curso costumavam dizer – e como! – que eu não era uma mulher ideal, que não entendiam como alguém ia optar por se tratar comigo, ao invés de se tratar com um homem. E até coisas mais fortes. Deixa pra lá...

Continuei trabalhando e aprendendo com meu tio, presenciando fatos dignos de nota. Por anos e anos, vi loucos desenganados pela medicina tradicional se tornarem aptos à convivência familiar novamente. Outros se acalmavam aos poucos e, embora não ficassem completamente curados, tornavam-se capazes de se lavarem, se vestirem, comerem sozinhos.

Aconteciam coisas maravilhosas no hospital! Por causa disso, ao longo dos anos, muitos dos antigos colegas me procuraram, se aproximaram de mim, chamando-me, desta vez, de pioneira. Mas, deixa pra lá também...

Tínhamos uma interna – Lourdes – cujo diagnóstico de esquizofrenia era dos piores possíveis e não deixava margens a especulações sobre recuperação total. Ela já não era mais paciente. Era uma hóspede perpétua, abandonada pela família e pela sociedade. Pois não é que Lourdes, vez ou outra, conseguia nos surpreender com a lucidez com que previa os fatos? Sim, isto mesmo! Ela conseguia, no meio de todo o seu desequilíbrio, olhar para alguém e dizer, por exemplo:

“Olha, não saia hoje não, que você levará uma queda feia e se machucará bastante”. Ela disse isto para um enfermeiro que não acreditou, saiu à noite para uma festa, tropeçou nas escadas do clube, caiu e quebrou uma perna em dois lugares.

Curiosamente, depois de fazer tais previsões, Lourdes melhorava consideravelmente por alguns dias. Tentamos estuda-la, fazer uma bateria de exames, conversar bastante com ela. Titio nos fez desistir da idéia: não haveria resultado na nossa pesquisa, se quiséssemos explica-la apenas à luz da ciência. A nossa paciente era uma paranormal e, embora doente – talvez mesmo por não ter usado estas faculdades nas horas e momentos certos – não havia perdido estas mesmas faculdades. Ou, outra teoria possível, talvez as tivesse adquirido – ou desenvolvido as que estavam latentes – em função da própria doença mesmo. Quem saberia dizer? Titio era contra bombardeá-la com mais exames, remédios e interrogatórios. Ela já havia sofrido muito, dizia ele, pois nós a havíamos encontrado na sarjeta, morando nas ruas, suja e humilhada, no mais completo abandono. Agora, devíamos respeita-la, ajuda-la, protegê-la e deixar a vida seguir seu curso.

Lourdes freqüentava com gosto as reuniões que Titio fazia às terças-feiras à noite. Isto melhorava muito o estado geral dela, muito mais do que os remédios que tomava. E ela, estranhamente para o caso, tinha inteira consciência disto. Tanto que, embora não tivesse nenhuma noção de tempo e hora, tinha uma espécie de campainha interna que denunciava a terça-feira às 20 horas. E lá chegava ela, voluntariamente, na sala de reuniões, às vezes levando consigo um companheiro que encontrara pelos corredores, amparando-o maternalmente

e dizendo que ele melhoraria depois da reunião, o que de fato acontecia.

E assim seguia a vida, tranqüila e cheia de trabalho, resultados aparecendo em uns casos e noutros não. Mas, sempre com muita fé e felicidade, pois os fatos melhores eram mais freqüentes que os piores.

Um dia, mamãe acordou estranha. Gritava que alguém a perseguia. Chorava e se escondia. Sentia-se muito mal, os olhos esbugalhados. Papai me telefonou, com pressa e assustado. Eu e titio acorremos rapidamente. E uma ambulância levou mamãe para o nosso hospital.

Eu e titio passamos a nos revezar na cabeceira de nossa doente, que passou os primeiros dias prostrada e que, depois, realmente, apresentou um horrível quadro, cheio de alucinações, gritos, desespero profundo. Papai e meus irmãos nos avisaram que não teriam coragem de visitá-la. Nós nos tornamos então sua única referência de família, o irmão e a filha que ela desdenhara e que agora a tratavam com todo carinho.

Mamãe se acalmava muito perto de Lourdes, que a protegia fraternalmente. Passamos a deixar as duas mais tempo juntas, sempre sob vigilância. Lourdes repetia que não havia perigo, numa estranha lucidez. Mas, mesmo assim, ficávamos de olhos abertos, pois a situação era inusitada: uma louca estava tratando – não sabíamos bem como, mas víamos os excelentes resultados – de outra louca. As duas irrecuperáveis. Juntas, melhoravam. Separadas, pioravam.

Meses e meses eu e titio monitoramos as duas amigas. Depois de algum tempo, chegavam a conseguir conversar com certa lucidez. Nestas horas, ninguém acreditaria que eram duas loucas, pois os assuntos eram quase sempre interessantíssimos! Quando não discutiam

as próprias doenças, discutiam as dos outros internos. Ou mesmo falavam de Deus, de prêmios e recompensas dos justos. Era bom ouvir as duas!

Eu e titio já sabíamos que tínhamos câncer, mas lutávamos bravamente contra as nossas próprias doenças, tentando prolongar o mais possível nossa permanência naquele local, para conseguirmos ajudar mais. Sabíamos que precisavam de nós. Mas sabíamos também que ninguém é insubstituível e nos resignávamos. O importante era cumprir o dever até ao fim, sem esmorecer ou lamentar. Na hora certa, apareceria alguém que ocuparia nosso lugar.

Mesmo assim, nosso dia chegou, primeiro o de titio, logo em seguida o meu. Rapidamente nós dois nos reunimos aqui, onde continuamos a trabalhar juntos, na recepção, triagem e encaminhamento daqueles que chegam desorientados, perdidos, sofridos.

E hoje, enquanto estudo ao lado de titio, estamos esperando duas pessoas muito especiais, que necessitarão de tratamento logo no início, mas, temos certeza, logo estarão no serviço ativo conosco do lado de cá: Mamãe e Lourdes.

TEREZA

Sou Tereza e sou freira. Desde os 18 anos e os anos mil, seiscentos e tantos...

Eu queria ser freira desde menininha. Rezava muito e dizia que ia trabalhar só para Jesus.

Nunca me interessei por roupas, enfeites, festas, coisas de moça. Preferia me vestir discretamente, nunca usava maquiagem. E não tive festa de 15 anos, por opção minha e desespero de minha mãe.

Minha saída de casa, aos 18 anos, em direção ao Convento, foi dramática. Mais tarde soube que disseram que fui eu quem matou mamãe, de tristeza e dor, pois logo depois que a filha única partiu, ela morreu do coração. Meu pai rompeu relações comigo, dizendo que eu havia levado a infelicidade ao nosso lar.

Missionária, resolvi pedir para trabalhar na África. Acreditava ter mais chances de ajudar, pois lá havia e há regiões paupérrimas. Atendida, fui parar em uma aldeia no meio da selva, com mais duas freiras e muita dificuldade de comunicação com o resto do mundo.

Éramos tudo lá, de médicas a enfermeiras, de mães a professoras. Fazíamos o possível e o impossível com nossos recursos escassos. Mesmo assim, trabalhávamos de sol a sol – e como havia sol! No princípio, ficávamos muito cansadas com o calor e o trabalho, mas depois fomos nos acostumando. Acompanhávamos rigorosamente os hábitos da tribo, tentando captar-lhes a confiança.

O pior era acordar de madrugada. Isto porque geralmente nos deitávamos muito tarde, depois de

todos. Ficávamos programando o dia seguinte. Éramos três para muito trabalho! E também era o único tempo de que dispúnhamos para rezar, colocar nossas relações com Deus em dia. Depois, fui compreendendo que não era só nesta hora que rezávamos: nosso dia-a-dia era uma oração constante. Mas, naquela época, bem no princípio, sentia-me culpada por não ter tempo para fazer adoração, jejuns e, principalmente, penitências. Como se não fizéssemos penitências constantemente!

Às vezes, nem dormíamos direito, na cabeceira de algum doente. Afinal, nossa casa tinha um anexo que era o único hospital local. De vez em quando, uma equipe da Cruz Vermelha passava por lá e isto já era um sucesso, pois havia locais onde ela não passava nunca.

Com o tempo, aprendemos a língua e os costumes da região. Procurávamos nos adaptar o mais possível, incomodar o menos possível, sermos úteis na medida do possível. E, graças ao bom Deus, conseguimos. Conseguimos até ser amadas até às raias do impossível! E amávamos muito aquele povo também!

Encaramos festas, brigas, revoluções, lutas e tudo mais com toda força e fé. Conseguimos criar uma escola, precária é verdade, mas onde as crianças aprendiam um mínimo de instrução e o máximo de amor a Deus e aos homens.

Quanto a Deus, isto foi um pouco complicado no princípio, pois nos chocávamos muitas vezes – ou quase todas as vezes – com a religião local. Fazíamos verdadeiras ginásticas para combinar os ensinamentos e mostrar que Deus é um só, seja ele chamado de Deus ou Zâmbi, qualquer nome tenha. Tentávamos mostrar que o importante era fazer o Bem e ser bom. Músicas e cantos em manifestações religiosas

trazem alegria e não podem ser proibidas. Além do mais, fazem parte da cultura africana e os africanos não dispensam isto. Dançar e cantar faz parte da natureza deles. Conseguimos colocar nossas letras religiosas dentro do ritmo musical deles e foi um sucesso! Incorporávamo-nos ao grupo e cantávamos e dançávamos também, em louvor ao Pai!

E foi aí que aconteceu a confusão. Estava bom demais para ser verdade e virou pesadelo. Uma supervisora de nossa Congregação, madre austera e conservadora, fez uma inédita e inesperada visita de inspeção em nossa aldeia. Inédita, porque ela jamais viajava, vivia em Paris na sede mundial da Ordem e nunca se deslocava. Ela quase morreu do coração quando assistiu nossa hora de oração com o pessoal da tribo!

A reação foi imediata. Recebemos ordem de abandonar tudo e voltar para o Brasil, onde nossos superiores resolveriam o que fazer. E não adiantou a aldeia inteira chorar e pedir. A irremovível Madre nos carregou com ela no dia seguinte, imediatamente nos dando uma relação de penitências que devíamos cumprir, antes mesmo de nos confessarmos com o padre orientador de nossa Congregação.

Depois de muitas discussões e sofrimentos, foi resolvido que seríamos internadas numa clausura e não poderíamos ter mais contato com o mundo exterior. Devíamos terminar nossa vida em penitência, pedindo perdão a Deus por tentarmos introduzir macumba herética em nossa fé. Desnecessário dizer que não entendemos nada. Nossas músicas eram lindas e quase todas eram versões adaptadas de antigas canções religiosas, apenas em outro ritmo. Mas eles não pensaram assim. Obedientes ao nosso voto de obediência, nós nos

submetemos. Não adiantava mesmo tentar qualquer defesa, principalmente porque estávamos muito traumatizadas, acreditando mesmo que talvez tivéssemos feito algo errado.

Resolvida onde seria a clausura, foi marcado o dia da viagem. Recebemos ordem de manter silêncio total até chegarmos ao nosso destino. Era outra penitência.

Na madrugada chuvosa de uma sexta-feira, embarcamos no trem que nos levaria até a região montanhosa onde se localizava o Mosteiro que nos abrigaria. De nosso, não pudemos levar nada, nenhuma recordação ou objeto particular. Apenas a roupa do corpo. Para nos conduzir e entregar no destino foi designada uma Madre Corregedora, que em momento algum da viagem sequer olhou para nós, pobres pecadoras a caminho do castigo.

O trem corria pelos trilhos e cada vez entrava mais pelo interior da montanhosa região. Eu nunca gostei de velocidade, portanto achava que ele estava correndo demais. Minhas duas amigas, em estado de total depressão, nem sequer se animavam a abrir os olhos e estender a visão pela janela. Neste estado, elas nem pareceram notar o pesado solavanco e o descarrilamento. Mas eu notei. Inclusive vi perfeitamente quando nosso carro se soltou junto com outros e se precipitou no abismo, entre gritos e barulhos de ferragens. Tive até tempo de me sentir enfim livre. E não senti queda nem dor. Ao contrário. Voei como um pássaro.

Nem sei se devo contar isto, pois não estou entendendo bem, embora esteja gostando muito. Mas, ao batermos lá embaixo, nós três nos levantamos sem nenhum ferimento, sorridentes e passando muito bem. Alguém, também vestida de freira de nossa mesma

Congregação, já nos esperava sorrindo. Será que foi acidente mesmo ou eu, de tão impressionada, me confundi numa das violentas descidas curvas da estrada? Mas, sei lá... Apenas fomos informadas pela irmã que nos esperava que outra condução nos levaria de volta imediatamente à nossa aldeia africana, onde deveríamos continuar nosso trabalho, pois estávamos sendo requisitadas lá.

E faço este meu depoimento enquanto viajamos, desta vez todas olhando animadamente pela janela de nosso interessante veículo (nunca vi um assim antes, deve ser porque sempre vivi afastada da civilização!), sob o olhar sorridente de nossa condutora.

ALEXANDRE

Sou carioca da gema, alegre e feliz. Não é qualquer coisa que me aborrece, me tira do sério e estraga minha paz não. Sou conformado com a vida e o mundo e nunca paro muito tempo para questionar as coisas. Que Deus seja servido! – é o meu lema.

Sempre morei e trabalhei numa das favelas do Complexo do Alemão e poucas vezes visitei os locais famosos da cidade, os cartões postais do Brasil. Contentei-me sempre com minha casa, de onde eu nunca precisei andar muito nem pegar condução para ir trabalhar: ela fica justamente atrás do meu bar, o “Bar do Antônio”. Antônio é o nome do pai do meu pai de criação.

Trabalhando mais de noite que de dia, conhecendo tudo e todos no lugar, jamais desejei algo da vida que não fosse minha paz e o meu sossego, trabalhando e vivendo.

Nunca tive chance de estudar e pouco fui de escrever, além de assinar meu nome. Já, quanto a dinheiro e números, sempre os conheci muito bem. Para que mais? Conhecendo-os, o controle do bar e seu movimento está garantido.

Minha distração maior: jogar dominó. Todo dia. O bar sempre foi o ponto do dominó e a aposta uma garrafa de cachaça.

Estou um pouco triste porque há muito não vou a casa, nem cuido do meu bar. Agora que levei este tiro e nem sei de onde ele veio, estou aqui no Hospital há muito tempo e não sei bem quando voltarei para casa. Estou me sentindo muito bem e melhorando muito. Mas nem me falam em alta!...

A enfermeira que conversa muito comigo me pediu para contar sobre minha vida, que estão fazendo um trabalho com os pacientes, procurando saber tudo sobre eles. Como não sei escrever, ela me deu este gravadorzinho diferente dos que conheço e danado de bonitinho. É nele que estou falando agora. Ela disse que ficarei muito feliz quando terminar de gravar, porque estarei ajudando muita gente com a gravação. Será?! Não imagino como poderei ajudar. Não sou padre, nem pastor, médico ou enfermeiro. Nem tenho nada para contar, por mais que ela insista. Nunca me aconteceu nada diferente, a não ser este tiro, do qual já disse não me lembrar muito bem. Eu nem sabia que foi tiro: um enfermeiro é que me contou.

Mas, tudo bem, vou gravar. A enfermeiro é muito boazinha e não custa nada fazer a vontade dela. Vamos lá...

Estou num quarto com um companheiro só, um sujeito muito grande e sério, que não gosta de falar muito. Ainda bem que não gosta, porque ele nem tem jeito de falar demais, porque também levou um tiro e foi na boca. Cruzes! Ele ainda tem muita dificuldade para articular palavras. Mas gosto dele. Acho que vamos ser bons amigos para sempre, pois, agora que ele está conseguindo se comunicar melhor, me contou que mora perto de mim. Mundo pequeno! Ele me contou um segredo brabo também: é viciado em droga, mas nunca foi traficante, embora todos os vizinhos e até a família dele pensem que é. Nem nunca matou ou roubou para conseguir a erva. O coitado sempre fez foi uma força danada para se livrar do vício. Mas, quando estava conseguindo, sempre aparecia alguém tentando convencê-lo a voltar...

Meu companheiro se chama Joaquim e me contou uma coisa muito séria: disse que, no dia em que levou o tiro, estava brigando com um bêbado que queria convencê-lo a comprar cocaína. Lutaram e ele conseguiu tomar um revólver da mão do outro, que queria atirar nele. Saiu correndo com ele na mão, desesperado, sem notar que o adversário tinha outra arma.

Tropeçou, caiu e ouviu os tiros: um acidental, da arma que estava em sua mão e o seguinte que o outro disparou na direção dele e que, segundo soube depois aqui no Hospital, atingiu em cheio a sua bochecha. Ele ficou agonizando no chão e ainda teve tempo de ver uma correria no bar da frente, pois alguém tinha sido atingido. Seria a bala da sua arma? Desmaiou e acordou aqui, na cama ao lado da minha. Disse que eu fiquei em coma muito tempo, pois só acordei muitas semanas depois dele.

Joaquim me contou que, quando voltei do coma, fiquei muitos dias falando coisas esquisitas, chamando amigos e conhecidos, minha família. Falei que queria minha casa e meus pais. Ele me perguntou se tenho família. Respondi que não. É verdade: meus pais me abandonaram quando eu era pequeno, fui criado por um pastor e depois fugi da casa dele.

Não entendo como fui ficar chamando por pessoas que não conheci, como meus pais. Chamei muito por mamãe, eu que nunca a vi! Acho que foi efeito da anestesia, pois eles devem ter me operado para tirar a bala. Os médicos daqui devem ser muito bons, pois tiraram a bala da minha cabeça e eu não fiquei maluco, só delirei uns tempos. Tem gente que, quando não morre, fica doido, se leva tiro na cabeça... Pode ficar pateta também. Sorte a minha!

Mas, voltando à minha vida, que é o que a enfermeira me pediu, tenho muito pouco a mais para contar, além do que já falei. Tenho um vizinho, Seu Zé do Porto, que é muito velho e cheio de manias. Ele é meu único amigo e deve estar muito preocupado comigo, pois estou demorando a voltar para casa e ainda não posso receber visitas. Seu Zé é a única novidade na minha vida pacata e igual, pois toda sexta-feira, bem tarde da noite, ele me chama para acompanha-lo, junto com outros amigos dele, que conheço pouco, mas que são muito legais também. Todos carregam grandes galões com café com leite. Cestas de pão com manteiga também. Dá um trabalho danado ajudar a carregar aquela traquitana toda, mas faço pelo Seu Zé. E é bom ver as pessoas que dormem nas ruas receberem aquele lanche quentinho! É a minha única diversão e a única coisa diferente que faço, além do dominó no bar: sair com a turma do Seu Zé. Já estou com saudade deles...

Pensando bem, até que tenho algo mais para falar, mas nem aconteceu ainda... Vou contar, para melhorar a situação e deixar a enfermeira mais feliz: se eu não tivesse levado aquele tiro fora de hora e vindo parar no hospital, eu ia começar a ficar mais tempo junto com Seu Zé sua turma. É que eles estavam acabando de construir uma casa para abrigar pessoas que já mexeram com drogas e queriam largar o vício. Todos estavam ajudando, com dinheiro e material. Até eu cheguei a dar algum. Pouco, mas de coração. Tenho muita pena deste pessoal que mexe com droga.

Seu Zé disse um dia para mim que havia mais gente ainda conosco e que eu conheceria outros amigos dele qualquer dia. Bastava arranjar uma noite livre e eu iria com ele na casa de uma pessoa, onde havia uma reunião que eu ia gostar muito. Não entendi bem reunião

de quê, mas não faz mal. Cheguei mesmo a conversar com o Zé da Mariquinha para ele ficar no bar uma noite por semana para mim. Ele concordou, mas, logo depois, aconteceu isto e vim para o hospital. Que azar!

Turma boa a do Seu Zé! Dá até orgulho de participar dela! Quando eu puder receber visitas, vou avisar para ele: quero ajudar mais na casa. E o Joaquim também. Falei com ele e ele ficou entusiasmado. Será que a gente vai poder fazer alguma coisa de útil? O Joaquim é como eu: nem ler e escrever sabe... Mas já combinamos: quando sairmos daqui, ele também vai para a turma do Seu Zé. Quem sabe a enfermeira também quer? Será que ela tem outra distração, além de cuidar de doentes?

Agora, não tem mesmo mais nada para falar. Quem mandou eu ter uma vidinha de nada? E será que a coitadinha da enfermeira, tão boazinha, vai ficar aborrecida comigo por eu ter falado tão pouco? Mas juro: não tenho mesmo mais nada para contar...

ANDRÉ

Sou engenheiro, 35 anos, muito bem casado, dois filhos pequenos de 8 e 10 anos, boa situação financeira e social, atualmente em total ascensão profissional.

E daí? Adianta ficar falando nisso agora? Sei lá... Fico pensando se aquilo que a gente constrói durante toda a vida e, de repente, nota que é totalmente desnecessário, serve para alguma coisa no futuro. No futuro do outro mundo.

Gozado... Eu nunca pensei no outro mundo. Até que vim parar nele sem como nem porquê... Não tenho saudades nem mágoas, nem vontade de voltar para o anterior. Muito menos vontade de ficar por aqui... No momento estou totalmente apático, sem ação, procurando primeiro entender. Apenas me recupero cada dia mais do acidente, onde o prédio inteiro desabou e eu estava num andaime do oitavo andar. Recuperação psicológica é claro. Pelo menos aqui parece que as pessoas são muito mais sinceras do que lá. Todos me tratam muito bem e o velho professor de matemática que também se recupera aqui, já me garantiu que, com o tempo, haveremos de começar a nos interessar pela nova vida, descobrindo nela motivos interessantes para prosseguir. Prosseguir para onde? Preciso reagir cada dia mais e descobrir tudo...

Nova vida! Encontro-me cheio de indagações e sem forças ainda para tentar entende-las e confirmá-las. Estou nascendo de novo? Acho que é mais ou menos assim. Eu nunca me preocupei muito com religião não,

nem sequer tive tempo para pensar que um dia poderia morrer. Também, um homem da minha idade e em plena saúde não pensa mesmo nestas coisas. Havia muita vida pela frente. Havia. Agora há novamente muita vida pela frente, penso. Mas outra, diferente. Será que é diferente mesmo? Para começar, aqui eu sou engenheiro como era lá? Para que? E valeu ter sido engenheiro lá? Tenho tantas perguntas sem resposta...

É até engraçado constatar como, de repente, todos os valores mudam. Não preciso mais de dinheiro, por exemplo. E eu corri atrás dele a vida inteira... De que será que precisarei agora? Será que o professor Júlio já sabe algumas respostas?

Lá, uma amiga me dizia que engenheiro tem concreto armado na cabeça e não se abala com nada. Não é bem isto: engenheiro é matemático, sério. Não gosta de firulas. Sempre amei muito minha família, mas nunca fui de grandes emoções, nem dramático. Mas observador, frio, mente sempre alerta. Tanto é que notei logo que havia morrido e que chegava em outro plano, de maca, tudo desconhecido para mim. Não me exaltei. Deitado na cama do hospital – hospital?! – resolvi esperar calmamente por uma explicação lógica. Mas raciocinei rápido e me levantei logo da cama: se eu estava morto, não podia estar sentindo seqüelas do acidente. Tinha que estar bem, pois o corpo machucado havia ficado para trás. Não entendia bem como havia me dividido tão perfeitamente em dois, mas era óbvio. Sentei-me no sofá que havia perto da janela do quarto e fiquei esperando. Sem susto, sem traumas. Apenas esperando.

Não demorou muito e entrou um médico. Idoso, calmo e normal como o meu pai, que é médico também. Sentou-se a meu lado, perguntou se eu estava bem. Foi a conversa mais surrealista do mundo: nenhum de nós dois,

em hora alguma, falou em morte! Falamos do acidente, como se o estivéssemos assistindo. Surpreendente! Ele me informou que fiquei muito machucado internamente. Mas que não devia me preocupar mais. Que todos os socorros foram providenciados na hora para todos que caíram. Perguntei se havia mais gente ali, os operários, o encarregado, que estavam comigo. Respondeu que não. Haviam sido encaminhados aos locais de direito. (?!) Fui informado que, mesmo com o controle magnífico que sabia manter, ainda devia permanecer no quarto por mais algum tempo, para ambientação e descanso. Que eu seria visitado todas as tardes pelo meu vizinho de quarto, que já estava mais ambientado do que eu. Que não deveria me preocupar, pois todas as explicações e informações viriam na hora certa. Que minha família estava bem. Aliás, disso eu tinha absoluta certeza: deixei muitos bens, uma mulher equilibrada e tudo muito bem organizado. Lógico, tinham que estar bem.

O meu vizinho de quarto, Júlio, professor de matemática pura, 63 anos, ótimo humor, é perfeitamente equilibrado mentalmente. Disse que reagiu mais ou menos como eu ao acordar no hospital, depois do fulminante ataque cardíaco: não fez dramas nem perguntas demasiadas. Tinha ligeira noção religiosa, mas o que valeu mesmo foi o autocontrole. Confessa que não esperava a perfeita organização que encontrou. Em poucos minutos ficamos amigos, pois nos identificamos muito. Somos ambos tranqüilos, controlados, incisivos e diretos.Não gostamos de grandes manifestações de emoção e nem de descontroles. Aliás, eu odeio exagero, seja ele de que tipo for. Exijo total equilíbrio emocional dos que me cercam, ou me afasto deles. O homem tem que saber usar sua mente, dominar as emoções.

Por falar em domínio de emoções, eu e Júlio estamos concordando em gênero, número e grau com todos os passos do pós-vida: calma, ambientação, descanso, conversa, informações e explicações nos momentos certos. Nada precipitado. Excelente! Nossa mente está repleta de perguntas e sabemos que todas serão respondidas. O pessoal aqui é sério. Temos consciência de que agora temos todo o tempo do mundo e vamos começar a nos organizar, para que não percamos os nossos princípios e venha a alienação. Já esboçamos nosso programa de ação: a partir de amanhã, Júlio conseguiu autorização do médico para sairmos juntos por aí. Vamos andar pelos arredores do hospital, dentro dos limites que nos forem permitidos, mas explorando ao máximo, primeiro o norte, depois o sul, o leste e o oeste. Não nos interessa a mínima precipitar os acontecimentos. O local, pelo que posso observar da janela, é bem cuidado e extenso e todos – ou quase todos, suponho – os que se encontram em recuperação aqui podem passear por ele. E lá vamos nós dois também, munidos de material para anotações.

Nossa segunda etapa, depois que estivermos familiarizados com o local, será pedir as informações que nos devem. Metodicamente. Já estamos fazendo uma relação das perguntas prioritárias, por escrito, para não nos esquecermos de nada. Estamos fazendo um trabalho perfeito, nos mínimos detalhes. Nada nos escapa e – garanto – nem escapará.

Só temos uma dúvida e um único problema, um pouco delicado para contornar: o médico que nos visita diariamente e confere nosso estado psicológico, dizendo que é o responsável por nós. O homem é tranqüilo e sorridente demais. Ele nos trata com toda educação e carinho. Muito carinho, o que nos incomoda um pouco.

Quando viu nossa bem elaborada relação de perguntas, deu um largo sorriso. Absurdo! Depois, comentou, nos abraçando paternalmente pelos ombros que, enquanto fizermos o reconhecimento dos arredores, talvez encontremos respostas para muitas de nossas indagações... E muitas surpresas também. E que talvez o nosso modo de pensar mude um pouquinho... Não queremos respostas aleatórias e vagas de leigos! Será que o velhinho não entendeu que somos pessoas organizadas em busca de algo organizado?

ANACLETO

Sou operário da construção civil, 50 anos, casado, quatro filhos.

Sei que estou muito mal, todo quebrado, na enfermaria do Pronto Socorro. Caí do andaime e a culpa foi minha, que nunca respeitei nenhuma norma de segurança, a despeito dos avisos e exigências dos patrões.

Sempre encontrei um modo de burlar vigilância e segurança. Agora, aprendi a lição que Nosso Senhor Jesus Cristo me pregou e aceito a vontade Dele. Nosso Senhor Jesus Cristo seja louvado. Ele é quem sabe o que deve e por que deve acontecer.

Eu só não gostaria mesmo é de morrer agora. Ainda preciso fazer algumas coisinhas. Minha família está em dificuldade e preciso ajudar. Aquelas coisas que sempre acontecem nas famílias: dinheiro, filhos com problemas...

A Tininha, a minha menina mais nova, ficou grávida do filho do Agenor da venda. O Agenor ficou uma fera quando soube e quer porque quer matar os dois, minha filha e o filho dele. Os dois estão mortos de medo – o Agenor é muito violento – e escondidos na casa do meu irmão Zeca, esperando eu falar com o Agenor e acertar as coisas.

Já o Adalberto, o meu mais velho, está bebendo muito, vive caindo pelas ruas, a Polícia carregando ele. Uma tristeza! O Antônio – que é padrinho dele – ia me ajudar a arrumar uma clínica para internar ele. No dia em que eu caí, tínhamos combinado ir lá, depois do serviço.

Tereza, minha mulher, está com problema de veia arrebentada na perna e teve de deixar o emprego de empregada doméstica numa casa onde estava há vinte anos. Ela não pode ficar de pé muito tempo. Gostava muito da família e a família gostava dela. A Tereza criou os filhos da dona da casa. Foi uma choradeira a saída dela! Mas ela não pode ficar de pé muito tempo. Sente muita dor nas pernas inchadas. O médico falou que ela vai precisar operar e ficar de repouso muito tempo. Repouso! Coitada da Tereza! Já viu pobre conseguir ficar de repouso?

A Maria das Graças e a Maria das Dores arrumaram emprego fora e só aparecem no fim de semana. Uma é arrumadeira e a outra babá. Na mesma casa. Graças a Nosso Senhor, as duas estão indo bem, não preciso me preocupar com elas por enquanto. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo que está sendo servido!

É... Só preciso melhorar depressa, para resolver o problema da Tininha e a internação do Adalberto. Ele é bom moço, não merece o que está acontecendo com ele... É um problema, preciso sarar e não estou vendo muito jeito de acontecer isto logo não... É tanta dor no corpo todo... E o Agenor que não me sai da cabeça. Vai ser uma luta para convencer o Agenor...

Estou começando a ficar muito preocupado. Hoje esteve aqui um enfermeiro diferente. Alto, sorridente, chegou muito cedo, o dia nem tinha clareado ainda! Que hora de acordar doente! Foi logo assentando perto de mim, na cama. Perguntou pelas minhas dores, se haviam melhorado. Eu disse que não, principalmente a do peito. Ele disse que vão melhorar logo, com o novo tratamento. Falou que, hoje à noite, volta para me transferir de hospital. Não gostei da conversa, tá parecendo chá da

meia noite... Mas, eu sempre digo que Nosso Senhor Jesus Cristo é quem sabe e quem resolve. Por via das dúvidas, perguntei pra ele se ele sabe quanto tempo ainda vou ficar internado em hospital. Contei os problemas urgentes que vou ter que resolver. Ele respondeu que vou resolver tudo logo, logo, na hora certa. Agora, estou aqui esperando ele chegar, porque já está tarde, já passou do jantar e o dia está escurecendo.

Ai, meu Deus do Céu, é tanto problema! Agora, além das dores, dei para sentir uma coisa esquisita de vez em quando. Parece que meus olhos ficam embaçados, como se eu tivesse chorado muito.

Eu devia ter conversado mais com o compadre Sebastião. Ele é muito religioso e ia me explicar direitinho como é a morte e depois dela. Pois não é que estou ficando com um medo danado de morrer? Já disse que não posso morrer agora! Mas Nosso Senhor Jesus Cristo é quem manda... Só quero uma coisa se eu morrer: poder continuar trabalhando e ajudando. Não concordo com este negócio de morrer e ficar parado, não! Tem que trabalhar, ajudar. Senão as coisas todas da vida e da morte perdem o sentido. E, se a minha morte for facilitar as coisas para ajudar à Tereza e às crianças, até que vou tranqüilo...

Ah, lá vem o enfermeiro e mais dois entrando na enfermaria e trazendo uma maca. Deve ser para me levar. Nosso Senhor Jesus Cristo que me ajude! Não deve ser chá da meia noite não. Eu não estou com medo... Só esta dor no peito que aumenta toda hora e cada vez mais... Nosso Senhor Jesus Cristo que me ajude!

FERNANDO

Se a gente contar como é ninguém acredita. Mas é terrível a sensação de cair, de notar que os aparelhos falharam e que só restam segundos até tudo se acabar. Muitas vezes até que não se acaba. Acontece um milagre e a gente apenas sai todo quebrado e assustado, ressuscitado. Mas é um caso em mil.

Meu trabalho sempre foi testar motores aeronáuticos, no ar e em oficinas, em terra. Sempre fui bom e cuidadoso piloto.

Um dia, aconteceu uma inundação muito grande numa cidade vizinha. Ofereci-me logo para retirar as pessoas que estavam ilhadas. Meu patrão, homem bom, ofereceu o monomotor que ele usa para ir à fazenda e lá fui eu.

Fiz várias viagens. Como não havia campo de pouso, era preciso descer na estrada, recolher o pessoal e subir novamente, em condições muito precárias. A Polícia Rodoviária colaborava, interditando um grande trecho rodoviário, para facilitar os trabalhos.

Isto tudo está vindo à minha mente agora, após o último vôo, que não deu certo por falha técnica do motor e me obrigou a fazer uma aterrissagem forçada no campo, ao lado de uma estrada vicinal. A última coisa de que me lembro são as fagulhas.

E, deitado na grama, aguardei socorro.

E aí é que a história fica diferente, sobrenatural até. Nem sei se estou sabendo lidar bem com os fatos ainda.

Esticado no gramado ao lado da estrada, vendo o avião espatifado se incendiar, eu vi – e vi nitidamente – o meu corpo pegar fogo lá dentro da nave!

Assustado, já começava a entrar em pânico, quando mãos finas e macias passaram pela minha testa, me acariciando e acalmando. Desviei o olhar e deparei-me com linda moça, vestida de branco, sorrindo docemente e dizendo que eu ficasse calmo, que estava tudo bem. Assentada a meu lado na grama, ela me olhava com carinho. Tolamente, perguntei se era eu, lá dentro, pegando fogo. Docemente, ela respondeu que sim. Desesperado, eu quase desmaiei. Passei as mãos pelo corpo, apavorado. Novamente, ela me acalmou. Disse que eu estava a salvo, lá havia apenas o meu corpo material.

Comecei a não gostar da conversa. Perguntei num murmúrio apavorado:

— Quer dizer que eu morri?

— O que você entende por morte?

— O fim. O Nada. A Escuridão Total...

— Acaba de se dar mal... Não aconteceu o Fim, o Nada e nem a escuridão Total...

— Eu morri?! – minha voz era um fio dolorido.

— Você acaba de sair de um plano e entrar em outro. Mudar de roupa, digamos assim. Tudo continua.

— É?!

— É.

— Quem é você?

— Fui recrutada para ajudar você.

— Um anjo...

Ela parecia se divertir e riu gostosamente:

— Obrigada, mas não chego a tanto. Sou uma irmã mais experiente nestas coisas de morte...

— Se eu morri, por que as minhas costas doem? Ou melhor, o corpo todo dói. Alma dói? Sou uma alma, não sou?

Ela continuou rindo:

— Pelo que vejo, uma alma muito mal informada...

— Estou com medo... – balbuciei.

— É normal. Breve se sentirá melhor. O choque do desligamento foi muito repentino. Mesmo assim, você está consciente. Isto é bom.

— Tem gente que desmaia, é?

— Cada um se comporta de uma maneira. E todas as maneiras têm sua razão de ser. Você está se saindo muito bem, mantendo as principais funções mentais.

— E agora, o que vai acontecer?

— Estamos esperando socorro. Você ainda não pode se mover. O choque foi forte demais. Passará por um período de tratamento e adaptação.

Uma onda de susto me tomou. Peguei a mão dela com força:

— Mas você não vai sair de perto de mim, vai? Sabe, é que não conheço ninguém neste mundo...

— Anime-se. Breve descobrirá que conhece muito mais gente do que pode pensar agora. Mas sou responsável por você neste primeiro estágio e estarei sempre por perto. Olhe lá, o pessoal está chegando.

Olhei e fiquei perplexo. De um lado, bombeiros e carros de polícia cercavam o avião no maior barulho e gritaria, atirando jatos de água e espuma para abafar o incêndio. Curiosos paravam na estrada para olhar.

Do outro lado, grande veículo parecia surgir de uma porta tridimensional no espaço. Eu me lembrei das visões bíblicas, tão grande era a imponência da cena. Pensei no carro de fogo de Elias e coisas assim. Ao mesmo tempo, estranha onda percorreu o meu corpo e

uma imensa e até então desconhecida paz dominou a minha alma. A minha moça-anjo-da-guarda passou as mãos docemente pela minha cabeça e eu adormeci sem sonhos.

MARGARIDA

Como estou gostando daqui! Tudo me faz bem. O ar, as pessoas, os fatos que se sucedem uns aos outros, sempre deliciosos! Até o meu trabalho agora é o mesmo de antes: lido com flores. Só que as daqui são muito mais belas que as de lá. São umas edições melhoradas. E há espécies que eu desconhecia. Umas são luminosas! Uma apoteose à noite!

Eu tinha uma flora. Fazia pequenos projetos de decoração para casamentos e recepções. As flores vinham do meu próprio sítio.

Vivi sempre entre plantas floridas e considero isto uma benção. Família unida, papai e mamãe no sítio coordenando as plantações, eu e meus dois irmãos no vai-e-vem entre a cidade e o interior. Sempre carregando flores. Papai era conhecido como cultivador de rosas e até chegou a criar uma nova espécie, quase azul. Deu a ela o nome de mamãe: Olívia. Muitos anos depois, vim encontrar aqui a rosa que papai tentou criar! A rosa azul de tantas lendas! No tom exato que ele queria: da cor dos olhos de mamãe. E, aqui, batizei-a também de Olívia, em homenagem ao amor dos dois.

Aqui não tenho flora. Trabalho em uma das equipes que zelam pelos jardins e parques. Cuidamos dos mínimos detalhes. Tudo é muito organizado e da turma fazem parte todos aqueles que têm ou tiveram alguma ligação com botânica, agronomia, agricultura e tudo mais que tiver relação com o cultivo de plantas. Encontrei, quando cheguei, o Sr. Argemiro, velho amigo de papai, que tinha orquidários fabulosos. Também aqui ele

continua entre suas orquídeas, milhares de vezes mais belas!

Todos temos orgulho de nossas plantas e procuramos montar os jardins de acordo com o local onde se situam. Na minha equipe, por exemplo, temos uma norma de ação: nos arredores de um hospital, colocamos mais cores, tudo multicolorido, mais flores e menos folhagens. Alegra mais o ambiente. Se há fontes minerais curativas, muitas florinhas brancas e luminosas – algumas prateadas no meio – em volta delas! Já nos jardins públicos, damos atenção ao verde luxuriante e sombra de árvores frondosas, com frutos e flores coloridos. Caprichamos nos parques, onde pedras grandes e pequenas se misturam aos seixos dos riachos e fios d'água, além de muitas heras e trepadeiras, folhas carnosas e musgos. E assim por diante. Tudo sempre com muita grama aveludada e com diversos tons de verde.

Colaboramos muito com a equipe do Sr. Alberico que, em vida, sempre cultivou plantas medicinais e foi um pesquisador universitário e um curador dos pobres. Aqui, a mesma coisa. A equipe dele sempre fornece inspiração para pesquisas e receituário para a Terra. Todos continuam pesquisando e inspirando os que receitam fitoterapia.

Nosso dia é cheio com tantas atividades. E como gosto delas e das pessoas com quem lido! Agora mesmo, fomos chamados para fazer os jardins internos de um novo hospital que abrigará alienados, bem perto da crosta. Já estamos debruçados em plantas e projetos e Sr. Alberico, muito oportunamente, sugeriu misturarmos plantas medicinais e ervas aromáticas nos jardins, pois, aqui, até o perfume delas tem efeito curativo intenso. Idéia maravilhosa e que terá excelente resultado!

Aprendemos aqui a grande inter-relação que existe entre o Homem e a Natureza-Mãe, muito maior do que a que pensávamos existir. Quanta coisa os seres humanos ainda não sabem e, se soubessem, quanto aproveitariam! E como viveriam melhores!

E assim vou levando a minha vida de cá. De vez em quando, visito a família e já sei que, breve, papai e depois mamãe, virão ter comigo. Já tenho reservado o lugar deles ao nosso lado e onde eu moro. Quero só ver a expressão alegre de papai quando souber que vai lidar novamente com flores, mais precisamente com o cultivo experimental das rosas azuis. Estamos conseguindo muitas tonalidades de azul e vamos tentar passar a tecnologia para nossos amigos da Terra. Mas as de lá jamais terão os tons das de cá, por causa da pureza vibracional daqui, que não é a mesma de lá. Infelizmente.

Paralelo às atividades práticas, eu estou fazendo um curso de Botânica, procurando me aprofundar cada vez mais no assunto. Acho que Deus me abençoou muito, pois, tanto de cá como de lá, passo minhas horas entre flores e plantas e estou cada vez me especializando, mais e mais, no estudo delas. Não é uma maravilha?

TERESINHA

Meu nome é Teresinha, tenho oito anos, sou negra e gordinha, uma menina muito alegre.

Há cinco anos moro aqui, num lar-escola especial para crianças que vieram da Terra muito cedo. Somos tratadas com muito carinho e ninguém tem traumas ou coisa parecida, como certas crianças da Terra.

Quando os pequeninos chegam aqui muito cedo – o meu caso – alguns choram nos primeiros dias, querendo os pais. Imediatamente, são providenciados casais que – por vários motivos – não tiveram filhos quando encarnados e que passam a cuidar da criança com todo afeto, suprindo as carências dos três. Muitas vezes – em quase todas – este afeto se estende tanto que retornam juntos à Terra. O meu caso também.

Aqui, na minha idade, as crianças têm um leque de conhecimentos muito grande e já compreendem que saíram do ambiente terreno e se encontram em um plano melhor. Todos aprendem muitas outras coisas também e as inclinações de cada um são respeitadas. Tenho um colega que, aos sete anos, já toca piano muito bem. Se ele não tivesse desencarnado, seria um grande pianista. Mas não faz mal, o projeto não foi abandonado: na próxima vida será. E muito melhor do que seria.

Na escola, além dos ensinamentos básicos, temos aulas de tudo aquilo para o qual pendemos mais. Aprendemos também as leis da vida e brincamos, brincamos muito. Afinal, embora o nosso espírito tenha a idade dos tempos, somos crianças no momento.

Quando eu cheguei aqui, aos três anos de idade, chorava muito. Carregava um passado triste e violento, de criança de rua, abandonada à própria sorte. Em tão tenra idade, já havia passado por violência, abandono, frio e fome. Além de completa rejeição da família. Desencarnei com pneumonia, debaixo de um viaduto, dentro de uma caixa de papelão, numa noite chuvosa. Meus irmãos haviam cheirado cola e os adultos haviam bebido muito. Resultado: só no dia seguinte, me vendo roxa e fria, é que notaram o que havia acontecido. Dentro da mesma caixa de papelão, fui jogada no depósito de lixo. Inacreditável? Não. Isto acontece todos os dias na miséria das ruas, onde as pessoas não perdem só a chance de viver com dignidade. Perdem os sentimentos e viram robôs quase insensíveis. De que adianta ter sentimento? Não há futuro, não há amanhã... Não há nem hoje...

Só compreendi isto tudo na medida em que fui me educando na escola, onde o casal Alice e Alfredo, voluntário aqui, se tornou meus pais pelo coração.

Agora, estou de mudança para a casa deles, aqui perto, pois eles continuarão trabalhando na escola. Apenas ficaremos juntos em tempo integral, nos amando e reeducando para, breve, renascermos juntos como pais e filha.

Quando eu digo “reeducando juntos” é porque Alice e Alfredo têm suas mágoas e suas chances perdidas a reconquistar. Antes de virem para cá, ajudar às crianças recém-chegadas, sofreram muito. Passaram por locais que nem imaginamos existirem. Alice me contou que eles eram casados na Terra e se negaram a ter filhos, embora tivessem todas as condições de educa-los. Abortavam sistematicamente, sem dó nem piedade. Quando se arrependeram já era tarde, estavam velhos, sozinhos e, pior, com muito remorso. Remorso que não os livrou dos

castigos e punições que eles mesmos se auto-impuseram, antes de serem chamados até a escola, onde receberam o convite para ficar. Aprenderam então que há sempre alguém que tem piedade de nós e nos dá uma chance.

Afeiçoou-se às crianças, tornaram-se os tios queridos de todas. E eu, recém-chegada, chorando e com todas as seqüelas daqueles três anos de martírio, tornei-me a preferida deles. Com que carinhos cuidaram incessantemente de mim! Com que olhares acompanharam minha recuperação e com que orgulhos hoje me chamam de Fofinha! E como eu amo os dois!

Eles vão ter que partir para a Terra primeiro, onde nascerão, crescerão e se casarão. Está tudo programado. Enquanto isto eu ficarei aqui com tia Eunice, irmã de Alice, minha futura e querida mamãe. Neste período ficarei olhando por eles, ajudando-os e amando-os nos sonhos deles. Quando então chegar a minha hora de descer, eles é que olharão por mim, pois estarei novamente pequenina e fraquinha, possivelmente levando ainda uma pequena seqüela nos pulmões, que desaparecerá logo. Então, será a vez de tia Eunice, que olhará por nós três.

Eu sou uma criança ainda, não sei julgar as coisas e talvez ainda não consiga entender a profundidade delas. Mas, de uma coisa eu tenho certeza: aprendi a conhecer Deus e a ver como são profundos e perfeitos os Seus desígnios!

ALDO

Meu nome é Aldo e nasci em Roma há 40 anos, pai italiano e mãe brasileira. Sempre falei corretamente os dois idiomas, amando o Brasil como minha segunda pátria. Periodicamente, passávamos férias brasileiras com a família de mamãe.

Formei-me em engenharia mecânica e tornei-me executivo de uma fábrica de máquinas para agricultura, onde conheci Alina, minha esposa.

Casamo-nos e, logicamente, sugeri o Rio de Janeiro para a lua de mel. Ela aceitou exultante.

O sonho começou então a virar pesadelo.

Nem eu consigo acreditar que fui assaltado e esfaqueado em plena luz do sol, no centro comercial movimentado. Mas fui. Era meu destino? Não sei. Cometi o erro comum de todo turista desavisado, seja no Rio, em Hong Kong ou Nova York: carteira recheada e à vista e muita despreocupação ao abri-la. Simples, banal e fatal.

Ensangüentado no chão, juntou gente ao meu redor, enquanto minha mulher chorava e pedia socorro. Senti os olhos embaçarem pouco a pouco e uma nítida paralisia gelada nos membros inferiores. Consegui ouvir alguém dizer que fui atingido no coração. Senti o fim. Tentei me dominar, mas nunca senti tanto pavor na minha vida. Já não controlava meu organismo e tentava em vão levantar a mão em direção a Alina, num último adeus. Nem sequer consegui olhar para ela. Quanto mais meu corpo parava, mais minha mente funcionava lúcida.

Depois, a sensação de um túnel espiralado, azul e sem fim. E a calma flutuação dentro dele. Parecia que a

gravidade deixara de existir, a dor e o mundo estavam distantes. E eu só flutuava, flutuava. A sensação do líquido amniótico e do pré-nascimento me tomou. Sim, devia ser assim mesmo...

Abri os braços como asas, leve, livre e solto. Decidido agora a curtir e entender tudo, nenhum medo a mais. Calma e paz.

Fechei os olhos e me deixei levar. Por quanto tempo não sei. Estava bom demais para desejar sair daquele estado. Nem pensei em flutuar para trás, reagir, tentar voltar. Senti que era impelido sempre para frente e era justamente o que eu queria...

De repente, uma convulsão violenta me sacudiu e parei no ar, braços abertos, olhos arregalados pelo susto. Senti uma parada no tempo. Ou uma parada do tempo. Um baque. Um breque.

Assustado, olhei para cima, para os lados, para baixo.

E vi. Em baixo. Como um cinema ao contrário. Eu em cima e a tela em baixo. Estranho. Diferente.

Vi levantarem meu corpo da rua. A ambulância em disparada. Alina ao meu lado, segurando minha mão e chorando, implorando que não a deixasse só.

Eu não estava com medo. Estava atônito. Queria entrar dentro do meu corpo, segurar firme a mão de Alina, falar o que estava acontecendo. Mas nada. O corpo que eu via estava imóvel e frio, duro, estranho, não era mais eu. A minha vida estava em mim, de fora, e não nele, dentro dele. Era minha e não dele.

O tempo foi passando. Não sei se correram horas ou segundos. No hospital, os médicos dando choques, injeções, colocando e retirando aparelhos. Nada do corpo reagir.

Chorei quando ouvi o médico dizer que não havia mais nada a fazer e meu corpo foi coberto por um lençol pela solícita enfermeira que, rápido, tampou o espetáculo da morte.

Mas eu chorei mesmo foi quando o meu corpo, vestido com a roupa que eu mais gostava, foi colocado num caixão cheio de flores. Parentes brasileiros acorreram e me senti na absurda situação de quem assiste ao próprio velório! Só que do lado de fora da cena.

O mais inacreditável é que, à medida que o tempo passava e a noite chegava, foi se esvaindo o meu sofrimento, as cenas continuando a se desenrolar monótonas e eu me tornando um perfeito expectador do filme, mas perdendo gradativamente o interesse por ele.

Uma sensação de torpor começou a me tomar e uma vontade de descansar me dominou.

Notei que, até àquela hora, tinha ficado muito tenso, com as mãos crispadas e o peito doendo. Relaxei. Fechei os olhos. Desisti conscientemente de continuar vendo o filme, a cena final do meu próprio filme deixou de me atrair. Soltei-me o mais que pude, abri novamente os braços e pernas, o peito doeu menos. Em minha mente, um “Pai Nosso” e, em meus olhos, lágrimas tranqüilas...

Um balanço suave se fez sentir, como um ninar de sonata, acompanhado de uma espécie de brisa leve. Novamente, a sensação de flutuar mansamente, de líquido amniótico...

“É um sonho”, pensei, antes de entrar num estado que mais parecia um transe de paz...

Ouvi sons, vozes e murmúrio de águas. Senti perfume. Apalpei e senti grama nas mãos, aveludada e macia como nunca tinha sentido grama alguma.

Abri os olhos com tranqüilidade. Rostos sorridentes se voltavam para mim. Uma senhora idosa, ajoelhada

ternamente a meu lado, acariciava a minha testa. A pressão no peito era mínima.

Olhei em volta. Estava num jardim belíssimo.

— Você acaba de chegar, meu filho...

— Chegar como? De onde e para onde?

— Cada um chega de um modo e existem motivos para todos os modos... Vem conosco, vem...

E, de mãos dadas com o terno grupo que me recebeu, entrei pelo jardim adentro, caminhando conduzido e feliz...

VERA

Ser “Miss” foi o máximo na minha vida! Afinal, ser aclamada como a mais bela mulher do momento tem seu sabor... Dos prêmios, nem falo: de jóias a carro do ano, de viagem à Europa a roupa nova. Uma aura de sonho, da qual é quase impossível fugir depois.

Da passarela ao casamento milionário foi um pulo só. Nova onda de sonhos inundou minha vida de Cinderela! Duas filhas lindas, gêmeas, e o sucesso total!

Eu não entendi na hora, não entendi depois e só agora estou começando a querer entender, depois de muito esforço e ajuda de amigos daqui: por que a vida das pessoas muda repentinamente?

Eu nunca fiz mal a ninguém, nunca prejudiquei nada nem ninguém e minhas filhas sempre tiveram uma mãe dedicada e exemplar. Meu marido e eu construímos nossa felicidade lado a lado, ele no trabalho e eu garantindo um lar tranqüilo e em paz. Vivíamos bem, com conforto e alegria.

Pois não é que um câncer no fígado apareceu repentinamente e me consumiu em pouco tempo? Nós não nos conformamos: choramos e lutamos juntos contra o mal que acabava comigo. Eu não podia ir embora: nós nos amávamos muito e nossas filhinhas eram pequenas demais ainda! Viajamos, consultamos médicos e mais médicos, fiz mil tratamentos, mas o câncer foi mais veloz que nossas intenções de fugirmos dele.

Eu me olhava no espelho e via o fim em meu rosto envelhecido precocemente pela doença. Meu corpo se transformou e meus cabelos ficaram ralos. Chorava dia e

noite, sem deixar que as crianças sentissem o nosso drama.

Quando o médico disse que não havia mais nada a fazer e que eu deveria ir para uma casa de saúde para ter um desenlace mais confortável e menos doloroso, eu resolvi, conscientemente, não ir para o hospital. Queria morrer junto aos meus, no meu outrora feliz lar. Providências foram tomadas, quarto adaptado, enfermeiras contratadas. Felizmente, não fiquei completamente sem forças, estirada na cama. Conseguia me levantar, sentar um pouco. Continuava fazendo o possível para que as filhas queridas não notassem o meu sofrimento e não ficassem traumatizadas. No entanto, não as deixei alienadas: conversei com elas, disse que mamãe teria que ir embora por ordem de Papai do Céu, mas que estaria sempre com elas. Procurei tornar a idéia da minha morte extremamente simples e bem acessível a elas. Cheguei a banalizar o fim. Contei casos de mães que se foram e permaneceram ao lado dos filhos, ajudando-os e amando-os do mesmo modo. Expliquei que nascer e morrer são fatos comuns na vida humana. Tornei as coisas as mais simples e fáceis possíveis. Não deixei de falar que papai não iria comigo, portanto ficaria cuidando delas com o carinho de sempre. Que os três estariam sempre unidos e, um dia, nos reuniríamos os quatro no Céu.

A força que eu tinha para controlar a situação era inversamente proporcional à física que, um dia, acabou de vez. Mansamente. Ternamente. Como sempre foi nossa vida.

De um pulo, tive a impressão de estar no Céu quando, fraca mais inteiramente consciente, fui recolhida no Abrigo de Dona Carlota, uma senhora meiga e bondosa que dirigia um lar perto da crosta terrestre, um

dos primeiros abrigos dos que partiam da Terra e entravam no Novo Mundo.

Recolhida a um quarto bonito e florido eu fui muito bem tratada por todos e animada por Dona Carlota. Meu desânimo e saudade, minha falta de vontade de acreditar no que estava acontecendo e porque estava acontecendo, tudo era combatido e explicado pela boa orientadora, com carinho maternal. Ela se afeiçoou muito a mim e parecia ter pena da minha incompreensão inicial, da minha saudade de uma mocidade perdida, como eu dizia sorrindo para ela.

Depois de algum tempo, começamos a sair juntas, primeiro para passear nos jardins do Abrigo, depois para excursões maiores. Conversávamos horas e horas, andávamos, ela me apresentava a novos amigos. Freqüentávamos palestras e reuniões na cidade que ficava próxima.

Um dia perguntei a ela quando poderia ver minha família. Ela me informou que brevemente me levaria para vê-los e ajuda-los, pois não estava fácil para Pedro trabalhar e cuidar das meninas, dando a elas assistência como a que eu dava. As duas tinham que ficar o dia inteiro entre babás e escola e se ressentiam muito. Teríamos que encontrar uma solução.

Chorei muito naqueles dias de revelação dos mundos: como ficara o que eu deixara e como seria o definitivo, aonde eu chegara. Saudade mansa dos meus, mas imensa. Intuitivamente, eu sabia que a única solução possível era encontrar uma nova mãe para aquele lar que foi o meu. E não me sentia com forças para conseguir enfrentar isto.

Dormi chorando e sonhei com Pedro e as meninas. Abraçamo-nos com muito carinho e senti o quanto estavam perdidos, chorosos e sentindo-se abandonados...

Resolução tomada, no dia seguinte eu procurei Dona Carlota cedo. Estava pronta para lutar pela felicidade dos meus.

Não foi difícil para nós duas a provocação dos encontros de Pedro com Joana, a professora das meninas. E nem complicado jogar um nos braços do outro. Joana era uma moça excelente e gostava muito das crianças que, por sua vez, se apegaram carinhosamente à professora, depois que eu me fui.

Serviço executado com esforço, resignação, confiança e lágrimas, o resultado é que hoje é um dia importante. Eu, Dona Carlota e amigos do Abrigo vamos descer à Terra. Mais precisamente para abençoarmos com nossas preces o casamento de Joana e Pedro.

PAULA

Neste afazer sem fim, eu vou levando meu tempo do lado de cá, feliz por estar podendo colaborar com algo sadio, eu que em outras épocas incentivei prazeres e diversões não muito apropriados, pois, muitas vezes, sólidos lares foram destruídos por eles.

Felizmente, aqui não tenho tempo para nada e agradeço a Deus pela forma como escolheu e encaminhou minha recuperação para voltar ao caminho D'Ele: ao lado de crianças.

Eu nunca fui muito chegada aos pequeninos. Sempre pensei que criança dava muito trabalho, acabando com a liberdade das pessoas. Evitei-as sempre, de todos os modos, saudáveis ou não. E como me arrependo!

Aportei do lado de cá revoltada e nem acreditando na Justiça Divina. Afinal, vinha de sofrer a vida toda ao lado de um homem covarde que, no fim, acabou me assassinando a facadas, numa noite de bebedeira. Conseguiu escapar após o crime, para viver com documentos falsos em país vizinho. E muito bem, por sinal. Onde a Justiça Divina – pensava eu na época – já que a dos homens sempre falha? Isto tudo minha mente virava e revirava, guardando as marcas dos machucados, enquanto eu perambulava sem rumo – até perder a noção dos anos – num mundo desconhecido e feio, em estradas sem fim. As pessoas que encontrava pelo caminho me evitavam ou escarneciam de mim. Algumas até me jogavam pedras. Pequenos insetos me picavam e eu ficava toda inchada. Gritava desesperada e ninguém me

atendia ou sequer me ouvia. Quase sempre não havia mesmo ninguém por perto e eu simplesmente berrava, berrava, até cansar... Uma loucura infernal! Fome, sede e frio constante.

Quando chovia, eu me abrigava debaixo de vãos de pedras ou de galhos secos de árvores doentias. Uma vez, um raio caiu bem em cima do local, me deixando desacordada por tempo que não sei determinar, se horas, dias... Acontecia também de continuar andando, me molhando mesmo, sempre sem rumo e sem norte...

Sem norte, sem rumo e sem morte, já que eu já estava morta... Não pensava mais no passado e só sabia chorar. Chorava constantemente e cheguei a me habituar com as lágrimas escorrendo pelo rosto. Deixava-as à vontade, que escorressem como quisessem...

Um dia – ou uma noite? – parei em frente a uma grande casa de pedra cinzenta, que apareceu repentinamente no meio do meu caminho. Nem pensei em bater, porque ninguém me receberia mesmo, tinha certeza. Era sempre assim: as pessoas não se aproximavam de mim... Fazia muito frio e me agachei junto ao muro, em prantos e – pela primeira vez – me lembrando de rezar. Mentalmente, pedi socorro. Verbalmente, nem voz mais tinha.

Acho que desmaiei de frio e de dor, pois não vi quando me levaram para dentro e me colocaram em um leito aconchegante, onde só acordei um mês depois – me contaram – limpa e bem cuidada, mas ainda temerosa, triste, vazia, apática. Estava desacostumada de ser bem tratada.

Os dias se passavam e eu continuava presa à cama, agora por vontade própria, sem querer ouvir os conselhos de todos que cuidavam de mim, para que reagisse e saísse para a luta da recuperação total.

Vendo minha tristeza, uma irmã de caridade que dirigia o Serviço de Enfermagem me encaminhou ao Serviço de Orientação da Casa Assistencial, anotando em meu prontuário que eu me encontrava restabelecida, mas inteiramente sem ânimo para recomeçar.

Acho que foi um psicólogo quem me atendeu. Um homem mais velho, muito simpático e sério, que foi logo direto ao assunto, sem rodeios:

— Com que então a moça não quer acordar para a realidade, não é mesmo?

Eu estava tão desanimada, que respondi com um sorriso amarelo.

— E por que? – insistiu ele, sem desanimar como eu.

— Porque não acredito que valha a pena.

— E o que vale a pena?

— Nada.

— Hum... Gostaria de ver um pequeno filme, antes de darmos prosseguimento à nossa conversa? Acredito que seria muito oportuno.

— Filme?! Aqui?!

Sem falar, ele puxou um cordão ao lado da janela que, imediatamente, ficou obstruída por tela alaranjada, que foi mudando de cor várias vezes, enquanto eu a olhava hipnotizada.

Calado, ele assentou-se perto de mim. As luzes se apagaram. E eu assisti perplexa à cena do meu assassinato, onde constatei que também estava bêbada. E havia muita gente conosco dentro do quarto. Uns rindo, outros ajudando a dar força ao braço do assassino. Protestei imediatamente:

— Tudo bem que eu estava bêbada. Mas nós estávamos sozinhos.

— É o que você pensa.

E, friamente, me aplicando uma terapia de choque, ele falou, olhando fixamente para dentro dos meus olhos, para dentro de mim:

— Esqueceu-se dos filhos que assassinou? E dos filhos das outras que ajudou a matar? Estavam todos lá...

Uma descarga elétrica não poderia ter tido efeito melhor em mim, enquanto, cena rápida, a tela sumia e a sala ficava iluminada novamente.

— Por que me agride assim? – perguntei, num murmúrio.

— Porque quero ajudar você. Olhe só: durante a sua recuperação do lado de cá, foi amparada e protegida, mas, assim mesmo, manteve-se amuada, fazendo-se de vítima. Vítima das facadas. Vítima da bebedeira dele. Vítima do destino. Vítima de tudo. Esqueceu-se, porém, das suas vítimas, que não foram poucas e que também se consideram vítimas... E nada melhor que um susto, um choque como o que levou agora. Fará efeito benéfico, você verá. Quer um conselho? Afaste, neste momento, estas mazelas da alma e do coração. Ressuscite como uma nova Paula. Não tenha dó de si mesma nem culpe o outro pelo seu destino. Seja dona do seu destino, pois só assim poderá muda-lo para melhor. Construa o seu futuro. Que tal?

— E como devo fazer?

— Até agora, você choramingou. E como sofreu até chegar a este momento de verdade! Nem você mesma consegue avaliar o próprio sofrimento! Acabe com isto tudo! Ninguém precisa lembra-la de sua dívida. Resgate-a apenas.

— Com crianças?

— É um dos caminhos. Há vários. Mas, já que pensou primeiro neste, é ele o seu caminho. Vamos lá: que tal ter filhos do coração?

Pela primeira vez eu sorri:

— Como?

— Que tal deixar o hospital hoje e começar a terapia do trabalho? Ou prefere se auto-atrasar na estrada?

— Trabalhar onde? Não sei fazer nada...

— É o que você pensa outra vez. Temos uma instituição vinculada ao hospital que se chama “Lar do Menino Jesus”. Ela abriga crianças que foram abortadas conscientemente pelas mães inconscientes. Com o carinho de todos, elas recuperam-se do choque, para recomeçar. Preciso falar mais?

— Não. Será que eu consigo?

— Abandone de vez suas dúvidas. Só não conseguirá se não quiser. Agradeça a Deus a oportunidade e vá em frente. É a melhor maneira de começar: dando o primeiro passo.

— Ainda me sinto muito desanimada, cansada, mas seja feita a vontade de Deus!

— Agora relaxe. Prepare a sua mente e o seu coração para o que der e vier.

Instintivamente recostei-me na poltrona e fechei os olhos. Ele postou-se atrás de mim e colocou as duas mãos abertas, uma de cada lado da minha cabeça. E orou em voz alta:

¾ Senhor, ajuda esta irmã que agora reenceta nova jornada!

Faz com que a sombra do esquecimento cubra os seus erros do passado, recobrando ela o vigor para o trabalho reto e justo.

Faz com que, no novo caminho, ela só possa ajudar e amar.

E, no final, que ela obtenha o olvido total do ontem, obscurecido pelo brilho do hoje.

Abençoa-a, Senhor, e dá a ela a Tua Mão para que, no percurso, ela a segure todas as vezes que se sentir cansada e desanimada.

E usa a Tua Mão, Senhor, para puxá-la sempre para frente, encorajando-a a prosseguir.

Finalmente, segue com ela, Senhor, lado a lado, pelos caminhos de cá e de lá.

Com carinho, ele passou as mãos pelos meus cabelos e terminou:

— Em nome de Jesus, eu te abençôo, minha filha. Vá em paz e não esqueça de segurar sempre na mão do Senhor!

Beijando a minha testa, ele me levantou da poltrona, indicando à atendente que me levasse logo para o “Lar do Menino Jesus”, pois eu acabara de ter alta do hospital.

ÂNGELA

Nasci no mato, na lavoura, casebre de estuque, muitos irmãos, eu a mais velha, ajudando pacientemente a cuidar de todos. Com 16 anos e já grávida, acompanhei uma família para a capital. Ao descobrirem meu estado não pensaram duas vezes: rua! De casa em casa, de rua em rua, tive mais três filhos. Sem condições de cria-los, doei todos. Nunca mais tive notícias deles. Que tristeza, meu Deus!

Com 25 anos e quase cega, abandonada nas ruas, fui recolhida por pessoas caridosas que me levaram para um abrigo, onde eu ajudava a cuidar de velhinhos abandonados e era cuidada por minha vez.

Com 35 anos a tuberculose me trouxe, envelhecida e cansada, mas resignada e em paz.

Desde menina nunca deixei de ir à missa, mas nunca entendi muito de religião, por mais que tentasse. Misturava as coisas na minha cabeça. Às vezes deixava a missa para ir ao culto. Certa noite fiquei com medo e sumi de lá porque o pastor disse que ia me limpar. Limpar do quê? Esse negócio de religião era muito complicado para mim, sempre achei que só fica fácil para pessoa de muitas letras. Gente como eu, que nunca conseguiu aprender nada, só tem que ter fé em Deus e não fazer o mal. Mesmo que façam o mal para a gente, a gente não pode revidar. Deve perdoar. Aprendi com meu pai. Mas aqui religião fez falta para mim, pois me ajudaria a entender melhor e mais rapidamente os fatos.

Do passado, só me lembro bem da enfermaria do hospital e da tuberculose. Ouvia as enfermeiras

conversarem e dizerem que o melhor para mim seria morrer logo. Assustada e com medo, eu não tinha forças para perguntar por quê.

Uma noite eu dormi e acordei de manhã noutra enfermaria. Graças a Deus! O hospital era bem melhor que o outro e as enfermeiras não falavam que eu tinha que morrer. Ao contrário, me tratavam com remédios e uma sopa muito boa, que era também remédio e eu tinha que tomar toda.

Comecei a melhorar logo, a ficar com forças, poder falar e até me levantar da cama e andar pelo quarto. Eu conheci as outras doentes. Todas se recuperando rápido. Só a Dona Luísa era enjoada, só falava em ir embora para casa, chorava e gritava. Dava um trabalhão para as enfermeiras e assustava todo mundo. Ninguém queria ficar na cama ao lado dela. Eu e as outras nem queríamos pensar em voltar para casa, pois o hospital era muito melhor, nele havia comida e carinho.

Engordei um pouco e consegui me firmar nas pernas. Fiquei mais alegre, comecei a conversar e a sorrir mais. Perdi o medo. A enfermeira-chefe, então, disse que eu havia progredido muito e me deixou andar no jardim em frente à enfermaria.

Esqueci de contar: que enfermaria bonita e diferente! Comprida e cheia de camas de um lado, do outro eram só portas grandes de vidro, abertas pra um jardim onde corria um fio d'água entre pedras e seixos. Florinha coloria as beiradas. O murmurar da água embalava a gente! A coisa mais linda! Hospital muito bom!

O jardim parecia pequeno visto de dentro do quarto, mas quando comecei a andar entre suas plantas tão bonitas, vi que era grande e sem fim. Rodeava o prédio e entrava por dentro dos corredores. Negócio mais bonito, meu Deus do Céu! Dentro e fora de casa tinha

plantas e flores e o jardim entrava casa adentro! O hospital e o jardim eram uma coisa só: bonito demaaiiss!

Andando e andando, encantada com tudo que via, encontrei Dona Violeta que, nas horas vagas, também gostava de passear entre as plantas. Nas horas de trabalho, ela era colaboradora na limpeza das enfermarias masculinas. Ficamos amigas e eu disse para ela que sempre fui faxineira e que, quando sarasse, queria continuar sendo. Perguntei se podia trabalhar com ela. Ela respondeu que podia começar no dia seguinte. Achei aquilo esquisito e falei que precisava ter alta antes, falar com a enfermeira-chefe. Ela me contou que eu tinha tido alta no dia em que me deixaram passear pelos jardins. O resto era comigo. Quase morri de alegria. Não falei que o hospital era diferente? Olha aí a prova: que maneira engraçada de dar alta ao paciente...

No dia seguinte, apareci cedo e bem disposta diante de dona Violeta. Ela falou que, antes de começar, eu precisava saber que não estava mais na Terra. Tinha morrido lá e nascido aqui. Nem me abalei. Ao contrário, quase morri outra vez, só que de alegria. As pessoas é que complicam as coisas. É tudo muito simples.

Foi trabalhando e passeando pelos jardins nas horas de folga que conheci o Joaquim, encarregado da limpeza também. Outra alegria! Do lado de cá só tem alegria, eu garanto!

Eu e o Joaquim estamos noivos. Vamos nos casar, estudar e trabalhar. Queremos nos preparar para, quando tivermos que voltar novamente à Terra, nos casarmos lá também e nenhum de nós viver abandonado e só, como foi da última vez. A próxima será diferente!

TADEU FRÂNGELO, O FREI ÂNGELO

Frei Ângelo é meu apelido, porque dizem que pareço um anjo louro de olhos azuis e também porque gosto muito de celebrar missa. Para mim, qualquer hora é hora de rezar. E o Sanatório inteiro recebe orações pelos corredores e me chama pelo apelido! Às vezes, simplificam e falam Frângelo. Não faz mal. Eu gosto.

Se algum dia eu sarar e puder estudar, quero ser médico. Preciso muito alertar as pessoas para a realidade do louco. Como o louco sofre, meu Deus! Pensam que é só dopa-lo e tudo bem. Não está bem não! Aí é que começa o pesadelo. O cérebro e a alma continuam, não sei bem explicar como. As alucinações, os medos, tudo passa a ser realidade. Não é loucura não. Até as visões são reais. O louco vê e sente horrores. E nenhum remédio tira isso. Ao contrário. O medicamento pode, em certos casos, piorar as coisas, pois, ao imobilizar e tirar as forças físicas do paciente deixa-o totalmente à mercê dos ataques de sua própria mente desgovernada. Remédio não derruba a força mental que cria os monstros. Os ataques podem vir de dentro ou mesmo de outros fatores externos, de um mundo e de outro. Afinal, o doente mental tem trânsito livre entre os mundos... O tratamento pra a loucura tem que ser reformulado, humanizado, com urgência. Por isso quero sarar e ser médico.

Eu mesmo – para citar um exemplo – só agora estou aprendendo a conviver com o meu mundo. No princípio lutei, chorei e sofri demais.

Até que me apareceu o padre. Este que me acompanha sempre. Por isso rezo e celebro missas.

Pensam que é insanidade, mas não é não. O padre ficou com pena de mim e começou a me ajudar. Ensinou-me a rezar e celebro junto com ele todos os dias. Na minha intenção, na dele e na de todos da casa. Tentamos juntos, com todas as nossas forças, afastar as influências más e acalmar os doentes. Tiramos quem ou o quê os ataca. Na força da prece e em nome de Jesus.

Cada hora nós oramos num local, até no refeitório e nos banheiros já fomos. Limpamos os ambientes. Dona Maroquinhas, a mais antiga da casa e caso perdido pela Medicina, foi a primeira paciente a sentir os efeitos do nosso trabalho. Ficou calma e até mais lúcida. Gostou e começou a andar atrás de mim e do padre. Ela também vê o padre. Aliás, muita gente aqui vê o padre, menos quem deveria ver.

Quando exageramos muito na reza, os enfermeiros nos enchem de remédios e nos dopam. Sobra até para Dona Maroquinhas, coitada! Os meus medicamentos, de tão fortes, chegam a influenciar até o padre, que fica mais cansado e diz que o ambiente ficou mais pesado. Aí, quando o efeito passa e voltamos à ativa, o trabalho fica muito maior porque, enquanto estamos semi-inconscientes, os nossos inimigos aproveitam para invadir novamente o local. É um trabalhão danado depois!

Tentei conversar com um médico. Contar para ele a minha história, pedir que compreendesse melhor a dor e o sofrimento de nós todos, os loucos. Acho que fiquei muito entusiasmado e falei demais. Ele ouviu tudo calado. Depois, chamou dois enfermeiros fortes, disse que eu surtei e estava muito excitado. Ganhei dois dias de camisa de força e uma injeção que me fez dormir até não poder mais. O padre bem que lutou para me acordar. Eu podia ver a luta dele, mas não conseguia me mover, de tão dopado.

Dizem por aqui que sou um louco que tem crises de forte excitação e que posso cometer até um crime nestas ocasiões. Olha só! Eles é que estão cometendo crimes! Será possível, meu Deus do Céu, que ninguém entenda?

O padre já me avisou: hoje à noite saio deste corpo e ficarei mais livre. Mas não irei para longe não. Vamos ficar os dois por aqui mesmo, ajudando e trabalhando. Um dia – quem sabe? – um médico ou alguém nos ouve?

JANIMAR

Estou aqui há dois meses, me restabelecendo num abrigo do acidente de automóvel que não me machucou externamente, mas gerou a pancada na cabeça e a hemorragia interna que me trouxe para cá.

Cheguei ao Abrigo São Geraldo muito cansado, mas consciente. Vim andando, ajudado pelos amigos que foram me buscar na Terra, ainda na estrada. Eu vi tudo e não lutei. Nunca tive medo da morte e vejo que sempre tive razão. Eles me tiraram das ferragens e, ao sair, vi meu corpo agonizando lá. Todos se deram as mãos – eu no meio um pouco atordoado – e saíamos – pasmem! – voando. Gostei demais de voar, mesmo ainda tentando compreender melhor o que me acontecia.

Logo que chegamos ao Abrigo fui levado a uma espécie de consultório, onde um senhor de branco me examinou e conversou bastante comigo, me deixando muito à vontade. Acabamos rindo juntos. Ele ficou admirado da minha lucidez e me disse que não são todos que chegam assim. Pelo que ele falou pude ver que há infinitos modos de chegar. Perguntei o que aconteceria em seguida e, ali mesmo, planejamos que, após a recuperação, eu voltaria logo ao trabalho.

Ele disse e aconteceu: comecei a sentir sono, um sono pesadíssimo. Levado para o quarto eu dormi uma semana e acordei bem disposto, pronto até para recomeçar a trabalhar, não sabendo ainda como e onde. Só não queria ficar na inatividade.

As minhas indagações foram respondidas no dia seguinte, numa entrevista com o mesmo e simpático

senhor que me recebeu. Fiquei sabendo que trabalharia no Intercâmbio, uma espécie de correio do lado de cá, onde se tenta a melhor comunicação possível com o lado de lá e a transmissão de informações e resultados de pesquisas, tanto científicas como em outros campos. Sempre fui comerciante de livros e gostei da idéia, pois aprecio muito a leitura e a troca de informações. Mal comparando, minha atividade seria como ler bons livros e transmiti-los.

Antes de começar no serviço, pedi para andar um pouco, conhecer melhor o local. Meu instrutor não se opôs, dizendo que eu aprenderia bastante com os passeios. Ele parecia saber o que eu desejava, mas manteve-se reservado, sabendo que as coisas caminham como devem e só aconteceria o que estivesse previamente marcado para acontecer. No fundo, o que eu queria mesmo era reencontrar parentes e amigos queridos. Ingenuamente, pensei que era só sair por ali e encontraria Clara, Janice, Teodoro e outros.

Andei semanas, conheci muita gente, fiz novos amigos, mas nada de quem queria encontrar! Comecei a sentir solidão e um pouco de revolta. Assim eu não queria ficar não: sozinho e isolado não tinha sentido. Afinal, vivi uma vida inteira de trabalho duro, morri dignamente, comportei-me o melhor possível, não dei escândalo nem trabalho e, chegando ao mundo da verdade, percebia que a ordem era recomeçar só?! Duro de entender...

Foi ontem que encontrei o Seu Arthur, num banco do parque. Muito conversador, ele foi logo se apresentando e perguntando quem eu era e o que procurava olhando para todos os lados com ansiedade. Não me fiz de rogado para contar a minha história e a minha decepção. Ele arregalou os olhos, divertido:

— Com que então o amigo é da turma dos descontentes, os que procuram, procuram e não acham?

— Mais ou menos isso.

— E o que quer realmente encontrar?

— Minha família, por exemplo. Já disse para o senhor, agora mesmo. Já esqueceu?

Seu Arthur empertigou-se e estendeu a mão direita para mim, solenemente:

— Muito prazer!

— Hã?

— Muito prazer! Não quer encontrar seus parentes? Estou me apresentando: sou seu irmão Arthur! E estes que passam por aqui são todos nossos irmãos também. Olhe só que família imensa acaba de encontrar!

Desapontado, dei um sorriso amarelo. Comecei a compreender e a me envergonhar.

Seu Arthur continuou:

— Ainda se prende à família tão pequena da Terra? Coitadinho! Deve estar sofrendo muito mesmo! Nem sequer se lembrou de lembrar que somos todos irmãos? Claro que, no seu devido tempo, encontrará os familiares da última existência. Mas isto não impedirá que já tenho encontrado todos os familiares de todas as existências! Olhe só como as pessoas querem sofrer: você chegou aqui bem, não teve transição de dor nem sofrimento e, no entanto, não está sabendo aproveitar isto. Prendeu-se a um detalhe: queria porque queria fulano e beltrano! Não me envergonhe amigo!

Eu é que já estava envergonhadíssimo e sem palavras. Balbuciei:

— É, não tinha pensado nisto... Olha só: todos os familiares de todas as existências... Todos irmãos... Não tinha pensado mesmo nisto...

— E não tinha mesmo. Desde que chegou, Dona Niêta foi a mãe que cuidou de você. E continuou sentindo-se só! Todos do Abrigo comportaram-se como seus irmãos queridos, acompanhando sua recuperação e incentivando-o. Não foi mesmo?

— É...

— E você, ainda assim, quis sair andando por aí, perdendo tempo, procurando...

— É...

— Meu filho... Olhe bem para mim. Aqui neste banco, onde fico um bom tempo todos os dias nas minhas horas de folga, eu tenho encontrado todos os irmãos de todos os tempos. Não precisei sair por aí...

— Estou entendendo agora...

— Pois é. Está entendendo, mas não conseguiu abrir os olhos ainda. Olhe para mim, meu filho. Abrace-me. Fui seu pai tantas vezes... Não se lembra?

Entre lágrimas, caí nos braços dele. Como podia ser tão esquecido?!

TEREZA CRISTINA

Eu chorava muito todos os dias. Não conseguia deixar de sentir saudades, embora já conformada com o que me aconteceu. Venci, graças à tia Beatriz, incansável ao meu lado, me ajudando e, ao mesmo tempo, me ensinando as realidades e segredos da nova vida.

Quando cheguei, tinha 18 anos. Queria tanto fazer o meu curso de arquitetura, me formar, casar, ter filhos, enfim, viver! Mas não deu tempo... O que eu queria não estava programado para mim...

Num tranqüilo passeio de moto, na garupa de Júlio e abraçada com ele, aconteceu: derrapagem, uma grande queda para nós dois e traumatismo craniano para mim. Tudo num local plano, que não oferecia perigo!

Durante os três dias em que agonizei no hospital, enxergava perfeitamente o lado de cá, embora ainda não soubesse onde era e pensasse que era um prolongamento do CTI.

Quando fechei os olhos do lado de lá, tornei a abri-los quase imediatamente noutra cama de hospital, tendo ao lado a tia Beatriz, que nunca mais se separou de mim. E espero que não se separe nunca.

Se não fosse pela minha querida tia, eu jamais teria me recuperado tão rápido. Foi a mãe que encontrei por cá. Através dela fiquei sabendo que Júlio havia se machucado muito e estava em estado gravíssimo, mas se recuperaria, embora fossem permanecer seqüelas muito sérias. Combinamos que, logo que possível para mim iria ajuda-lo de perto. Até lá, teríamos que fazer de tudo para que minha recuperação fosse rápida e proveitosa.

Vontade de superar é que não me falta agora. Já entendi perfeitamente que a vida real é a de cá.

Solícita, tia Beatriz conversava muito comigo e me dava notícias de minha família, que ela também estava ajudando a assistir. Fazia parte das atividades dela auxiliar jovens que chegavam cedo e suas famílias que ficavam para trás. Foi ela quem me comunicou que minha irmã Fátima – totalmente inconsolável – viria me visitar em sonhos e precisávamos ajuda-la. Preveniu-me que eu devia encoraja-la e não chorar, para não complicar a situação, deixando-a mais triste e transtornada do que já estava. Nossa missão era ajuda-la a superar a dor, pois éramos gêmeas idênticas e muito apegadas. As coisas não estavam fáceis para ela longe de mim.

À noite nós nos preparamos para receber Fátima. Antes, rezamos juntas, para que Jesus nos inspirasse e me ensinasse a consolar minha irmãzinha. Colocamos muitas flores no quarto, para que ela guardasse a melhor das recordações do sonho que pensaria ter tido com a irmã morta. Música suave, preces e flores. Tudo perfeito. Eu, excitadíssima e saudosa, aguardando o primeiro reencontro com alguém querido que havia ficado para trás.

Já passava da meia noite na Terra quando a nossa amiga e enfermeira Clotilde entrou em meu quarto conduzindo uma confusa e sonolenta Fátima. Assentou-a perto de mim e aplicou-lhe passe, para que enxergasse, ouvisse e entendesse melhor o que se passava.

Mal me viu, ela atirou-se em meu pescoço, chorando convulsivamente. Eu chorava mais do que ela (não conseguia me controlar!) e ficamos muito tempo abraçadas. Recobrei-me e falei carinhosa:

— Olha, irmãzinha, eu não devia chorar, mas não resisti! Porém, não confunda minhas lágrimas. Aqui sou

feliz, estou começando a entender os desígnios do Alto, me recupero rapidamente e não estou sofrendo. Não há o menor motivo para lágrimas, creia-me.

— Você está sendo bem tratada?

Tia Beatriz aproximou-se e abraçou minha irmã com infinito carinho, dando uma resposta muda à pergunta dela que, sentindo-se bem e protegida, permaneceu abraçada, perguntando num murmúrio:

— Mas é isto a morte?

A mesma querida tia nos abraçou as duas, aconchegando-nos junto ao coração e falou, com carinho de mãe:

— Morte não existe, filhas, pelo menos como vocês pensam! Depois que saímos da Terra tudo é começo e não há nenhum fim. Para trás ficam nossos sofrimentos e mazelas. Na frente, nos esperam nossos sucessos e o resultado de nossas boas ações e nossos esforços no caminho do Bem. É todo um futuro para ser construído, com a consciência e o conhecimento da imortalidade.

Também eu um dia tive medo da morte, vendo nela o desconhecido. Por pouco tempo. Encantei-me depois, diante da chance imensa de ajudar a todos aqueles que um dia amei muito. Como sou feliz hoje, preparando o ninho que um dia receberá, um a um, os que me são caros! Enquanto isto eu me dedico à recepção de jovens, pois sempre gostei muito deles e, tal como lá, cá adotei todos eles como filhos do coração.

Fiquem tranqüilas filhas, a separação é passageira, muito, muito passageira mesmo. Um dia vocês estarão juntas e felizes novamente. Muito mais felizes do que antes.

E agora, fim do choro! Vamos conversar e nos alegrar, agradecendo a Deus a chance deste encontro.

E você, Fátima, quando voltar, vai guardar nítida a lembrança destes momentos e ficará muito mais tranqüila e feliz. Tranqüilizará toda a família, sim?

Com um sorriso, Fátima concordou. E nos beijou com carinho.

O papo entrou pela noite adentro, nós três e Clotilde. Rimos, brincamos e até saímos para conversar um pouco no jardim interno. Falamos de nossos momentos bons do passado e fizemos planos para novos encontros no futuro, preparando o futuro real.

Madrugada, beijos e abraços e Clotilde levou minha irmã de volta ao lar, muito mais calma e conformada. A lembrança que ela guardaria do "sonho" seria a alavanca que a ajudaria a reerguer-se do sofrimento, confiando num futuro melhor, fazendo-a pensar que, no final, há algo melhor e nada se acaba. Seria também a semente fértil para que ela se espiritualizasse mais, procurasse mais as coisas do espírito. Tudo traria o maior e melhor proveito para ela. Era um começo para Fátima também.

Quanto a mim, começa hoje o meu programa efetivo de reintegração e caminhadas. Vou passear nos jardins e fora do hospital, sempre com tia Beatriz. Preciso me recuperar rápido, para poder logo ajudar aos meus e amparar Júlio. Nós duas temos muitos planos... Se temos!

CARLOTA

Meu nome é Cristina. Moro aqui há tempos e nem me preocupo em contar os dias, aproveitando o trabalho como professora de adolescentes e estudando muito também, pois pretendo ser médica na minha volta à Terra e quero levar uma boa bagagem de conhecimentos, que me possibilitará melhor minorar as dores alheias. Dou especial atenção à Medicina Preventiva, pois acredito que nela está um dos campos mais promissores para o futuro da Humanidade.

No entanto, interrompi temporariamente minhas atividades depois que encontrei Vovó Carlota que, em vida, não me aceitou, por eu ser filha ilegítima, uma mancha para o seu nome. Descobri minha avó entre os que dormem há quase um século, negando-se a acordar. Acontece que vovó foi criada dentro de rígidos e ultrapassados costumes e, ao chegar, levou tremendo choque por não encontrar as coisas, pessoas e seres que esperava.

Famosa e rica senhora, não encontrou sequer servos para atende-la... Inconformada e assustada ela se fechou em sono profundo e assim foi recolhida, continuando, porém, a dormir, cheia de pesadelos. Foi assim que eu a achei, num dia em que fui visitar os adormecidos, no horário de preces em favor deles. Vestindo um antigo vestido comprido e rodado de rendas acinzentadas, lá estava Vovó estendida em uma cama, sacudida pelos sonhos constantes, que refletiam bem o medo que ela sentia de acordar e encarar o desconhecido. Ou o inesperado. Condoída, me aproximei,

ajoelhando-me ao lado dela. Instintivamente peguei uma toalha e comecei a enxugar o suor abundante da sua testa e a alisar-lhe os cabelos grisalhos e longos.

— Acorda, vovó! – falei suavemente ao seu ouvido.

Nada aconteceu. Insisti:

— Acorda, vovó! Depende exclusivamente de você! Vem comigo! Vou cuidar de você e apresenta-la à Realidade. O mundo aqui é lindo e, no entanto, você dorme... Acorda, vovó! Não se assuste quando despertar ao meu lado: isto não importa! Vou contar um segredo: eu sempre gostei de você, de seu porte elegante e fala macia. Eu gosto muito de você, vovó! Acorda, por favor! Não se martirize voluntariamente. Vem comigo, vem... Vou cuidar de você até que esteja bem e em condições de compreender tudo que se passou e se passa... Vem... Vem...

O meu carinho estancou os pesadelos e o sono dela passou a ser tranqüilo.

Feliz com o resultado obtido e com autorização da direção da casa eu me coloquei a seu lado constantemente, chamando-a sempre e orando ao lado dela, cercando-a de Paz e Luz.

O Amor faz realmente milagres e o meu era sincero e desprendido. A velha senhora foi acordando aos poucos, suavemente, calmamente. Levou meses no processo de despertamento, sempre amparada pelas minhas preces e pelo meu carinho, que não esmorecia.

Quando Vovó Carlota me olhou pela primeira vez, ao abrir timidamente os olhinhos azuis, abracei-a em prantos. Que felicidade! O sofrimento de um século de estagnação e as atuais vibrações de amor e preces produziram mudanças naqueles olhos que, agora, eram assustados e inquisidores, mas portadores de paz e serenos.

Com imenso carinho amparei-a e, abraçadas, saímos dali, em direção à Casa de Recuperação onde estamos até hoje, eu fazendo o papel de neta, filha, irmã, enfermeira, amiga e companheira.

Vovó sempre foi uma mulher de posses e poses, mas nunca teve momentos de maldade. Foi, sim, uma vítima passiva da falsa educação que recebeu. Tudo que ela fazia era porque tinha recebido ensinamentos para agir naquele sentido. Jamais os questionou. Até aquele dia em que abriu os olhos para mim e para a nova vida.

A seguir, sorveu rapidamente os ensinamentos que recebia. Mulher forte, não teve dúvidas em reajustar conceitos e abandonar preconceitos. Reconheceu a culpa pela estagnação em que permanecera e, imediatamente, lutou para recuperar-se rápido, poder consertar os erros e reconquistar o tempo perdido.

Companheiras inseparáveis, nós começamos logo a lutar e a progredir juntas, eu sempre ao lado dela, ajudando-a a levantar-se quando ameaçava tropeçar e desanimar. Por sua vez, ela também me amparava com uma profunda ternura.

Havia muito a fazer e nos organizamos. Fizemos planos, que incluíam aqueles que nos eram caros e que, no momento, não podiam estar ao nosso lado.

Vovó adquiriu condições e forças para me acompanhar e abraçou todas as oportunidades galhardamente. Removeu, sacudiu a poeira dos tempos. Abandonara o passado. Era agora uma jovem senhora junto à neta querida.

Finalmente, pude voltar às minhas atividades de lecionar para os jovens e estudar. Vovó incorporou-se ao novo mundo e, por sua vez, freqüentava aulas e reuniões, interessadíssima, já tendo o seu grupo de amigos e parceiros de estudos, trabalho e passeios.

Hoje participamos de uma reunião especial com nossos orientadores. Tratou-se de nossa volta à Terra como mãe e filha, onde reuniremos em família, junto de nós, aqueles que amamos e que nos amaram. Estamos felicíssimas e vamos, de hoje em diante, começar os preparativos que serão longos. Mas, tenho certeza, serão proveitosos.

O Amor, mais uma vez, venceu!

OLÍVIO

Sou Olívio, 33 anos, desenhista, paraplégico de nascença, acostumado a nunca ficar de pé e a encarar preconceitos aí ao lado de vocês, na Terra.

Nasci no sul do país, em família remediada e já comecei o meu trajeto dando um tremendo susto em meus pais e irmãos: logo, logo, eles perceberam que o meu corpo só se desenvolvia da cintura para cima e que as pernas eram dois fiapos inúteis. Foi um Deus nos acuda! Providências tomadas, tratamentos científicos e alternativos, nada, nada mesmo, funcionou.

Sempre na cadeira de rodas tornei-me um jovem bonito, louro, de olhos claros, forte no tórax e nos braços e, principalmente, com um espírito que não se deixou abater. Sensível à beleza das coisas e da vida, apesar de tudo. Ninguém conseguia entender minha alegria constante e muitos me diziam na cara que eu deveria ser revoltado e não feliz como eu era! De certa forma eu entendia e entendo ainda os que não me entendiam...

A barra nunca foi leve para mim. Devo muito à minha mãe, que nunca saiu do meu lado. Mães são fantásticas! Nem mesmo elas notam a extensão e a força daquilo que conseguem fazer pelos filhos, acreditando que “foi uma coisinha de nada, não foi preciso esforço algum...”.

Quando fiquei sem mãe e sem pai não me abati: conseguia sobreviver razoavelmente com meus desenhos e ilustrações para livros, revistas e jornais, passando a viver com minha irmãzinha caçula, recém casada.

Nunca parei para pensar por que eu era diferente, tão cruelmente diferente. Não sei se foi uma barreira

mental que eu mesmo criei para não pensar no doloroso assunto ou se foi uma resignação fatalista com a realidade imutável. Realidade que me impediu de amar uma mulher, por exemplo. E de muitas outras coisas. Mas, que poderia fazer? Chorar? Adiantaria? Continuei sempre firme, procurando substituir e compensar as minhas deficiências.

E fui vivendo. Pouco, por sinal.

Nada do que aconteceu comigo durante a passagem de lá para cá me surpreendeu. Sempre li muito sobre espiritualismo e, principalmente, sempre ouvi muito. Nunca deixei de acreditar que as coisas têm uma razão de ser e que, mesmo que não as entendamos no momento, um dia, fatalmente, cedo ou tarde, teremos uma explicação lógica para tudo que nos aconteceu ou acontece na vida. A fé nunca me abandonou e a esperança caminhou sempre ao lado dela.

Por isso tudo nem me assustei com minha chegada aqui, após uma súbita parada cardíaca, depois de violenta emoção. E nem me abalei com meu despertar no hospital, ainda com as penas pequeninas e inúteis. Mas totalmente feliz, tranqüilo, leve, como se um grande peso tivesse sido tirado das minhas costas.

Abri os olhos em espaçoso quarto com as janelas abertas, por onde entrava luz e som de pássaros cantando. Senti a leveza do ar e ouvi, vindo de algum lugar por perto, música baixa e suave.

Relaxei o mais que pude. Fechei os olhos e comecei a rezar. Rezar à minha moda. Sem fórmulas ou frases feitas. Com o coração e com a alma.

Só abri novamente os olhos com a entrada de simpático e idoso senhor que, sem cerimônia, foi logo se assentando ao meu lado, na cama.

— E então, como está se sentindo?

— Bem, mas cheio de perguntas – respondi.

— Infelizmente não poderá, por enquanto, saber as respostas delas. Para o seu próprio bem, garanto-lhe. Vai passar por um período de repouso, onde dormirá bastante. Não terá nenhum contato com o mundo de cá. Quando estiver bem forte e refeito, não acordará. Retornará à Terra, para reaver suas pernas. Perdeu-as lá em passado distante. Vai recupera-las lá. E só então reencetará a jornada.

— Não poderei conhecer tudo aqui primeiro?

— Já conhece. E não terá tempo para rever tudo desta vez... Nem seria prudente. Confie em mim.

— Não é cruel isto?

— Não. É a Lei.

— Vim fora de hora?

— Veio antes da hora. Foi um acidente que não pôde evitar, não tem culpa. Mas retornará e continuará.

— Retornarei como?

— Será filho de sua irmã. Continuarão, portanto, juntos.

— Terei o mesmo problema?

— Não. Ao ser gestado, recuperará as suas pernas. Entendeu?

— Fantástico! Entendi. Mas queria ficar...

— Não demorará muito lá. Terá uma missão curta e tomará posse de suas pernas. E retornará vencedor, tenha fé em Deus.

— Pode me ajudar a recordar minha história pregressa?

— Não seria bom. Reavivaria boas recordações, mas acordaria outras que não são necessárias nem úteis agora. Você venceu uma etapa. Vença a outra e terá condições melhores depois. Por ora, quanto menos

contacto você tiver com o lado de cá, melhor. E não fique triste. Tudo tem sua razão de ser.

— Eu sei. Quem é o senhor?

— No momento, um amigo de muitas eras. Basta saber isto. Que Deus o abençoe!

E, tranqüilo, cá estou eu, acordando novamente depois de profundo sono, que nem sei quanto tempo durou, sem nem pensar em sair da cama ou pedir mais explicações por enquanto. Algo lá no fundo de mim mesmo me diz para ter paciência, que estou no caminho certo, que tudo tem sentido e um dia compreenderei os segredos da Vida. O curto momento atual faz parte do meu aprendizado e tenho que aproveita-lo ao máximo. É o que farei.

Irmãzinha querida, não chore que lá vou eu de novo!

PAULÃO

Eu quero apresentar o meu amigo Paulão.

Nós só nos conhecemos melhor aqui, pois chegamos quase juntos, por caminhos bem diferentes, que só se cruzaram no final da jornada de lá, marcando o início da de cá.

No meu último dia aí conheci Paulão. Eu havia acabado de sofrer um acidente de carro e estava preso entre as ferragens, aguardando um socorro que demorava. Consciente, mas muito machucado. Notava que as pessoas olhavam para mim com olhares surpresos, reprovadores, de susto, de pena. Mas ninguém se atrevia a chegar perto, tentar ajudar antes da chegada dos bombeiros que deveriam serrar os ferros que me prendiam. Foi quando ouvi nitidamente uma voz grossa, vinda de muito perto de meu ouvido esquerdo:

— Agüenta aí, amigo. Não posso fazer muito, mas vou tentar ajudar, falando e amparando-o, para que você saiba que tem alguém por perto e não perca a consciência. Não é bom desmaiar nestas horas, sabia?

Olhei para o lado e vi um gordo rosto, negro e sorridente, onde sobressaíam dentes brancos e perfeitos, num sorriso amigo. Balbuciei:

— Quem é voe?

— Paulão. Vendo bilhetes de loteria aqui na esquina. Notei quando você bateu. Só não vi direito. Sou quase cego, sabe?

— Estou morrendo...

— Que nada! Fica firme! São só uns machucadinhos de nada!

Falava e esticava o braço, soltando rapidamente o nó de minha gravata, com aquela facilidade que a gente não consegue entender em quem é cego.

Sorriu:

— Agora ficou melhor, não ficou? Não está sendo enforcado pela gravata... Vamos lá, reage! Está quase livre. Já ouço a sirene dos bombeiros...

Alguém, entre os que olhavam e nada faziam, advertiu Paulão, dizendo que ele não deveria tocar em mim. Ele ficou bravo e falou alto e com autoridade, dizendo que jamais ficaria parado diante da chance de ajudar alguém. E o seu vozeirão sonoro calou o burburinho geral.

Com rapidez ele conseguiu pegar o meu paletó, que se encontrava no bando ao lado do meu e, fazendo uma bola com ele, amparou minha cabeça, para que ela não ficasse pendida para trás. Senti-me melhor. Podia não ser o mais certo mesmo mexer comigo tão machucado, mas era reconfortante sentir que estava sendo ajudado. E, afinal, ele estava ele estava apenas calçando meu pescoço. Não estava me trocando de lugar nem me puxando.

Ouvi sirenes e desmaiei.

Acordei já no hospital. Cansado, sonolento, doído, num amplo quarto de dois leitos. Abri os olhos devagar. Corri o olhar pelo ambiente. Gostei do que vi. E, ao mesmo tempo em que constatava estar melhor, descobria no leito ao lado, ressonando, o mesmo rosto negro e simpático que vi perto do meu antes de perder os sentidos. Lá estava o Paulão da loteria.

— Ei! – chamei. Acorda, Paulão! Por que é que você está no hospital comigo? Por que me acompanhou para cá? Machucou-se também? Que é que houve?

Ele abriu os olhos, esfregou-os:

— Calmo lá, amigo! Já estou enxergando melhor, mas ainda não totalmente bem. Trataram bem dos meus olhos aqui. E, pelo que noto, trataram bem de você também. Quando cheguei aqui passando mal, mas consciente, reconheci logo você no outro leito. Ainda não melhorou não? Faz um bom tempo que o acudi naquele acidente...

Pensei logo que aquela conversa estava meio destrambelhada e comecei a ficar preocupado, pois não estava entendendo nada e, pelo que sentia, o meu amigo pouco poderia me esclarecer. Ou poderia? Tentei conversar:

— Que coincidência, rapaz! Não chegamos juntos e estamos no mesmo quarto!

Paulão respondeu com ares de professor, me deixando a duvidar da sanidade mental dele no momento:

— Coincidência não, amigo! Isto não existe. Se estamos juntos há uma razão de ser! Ficamos juntos na hora em que você morreu e agora estamos lado a lado depois que eu também morri...

— Que conversa é esta?

— Conversa de gente séria, Ubaldo, meu amigo!

— Como sabe meu nome? O que está acontecendo?

— Vamos clarear as coisas. Estamos mortos e somos suficientemente esclarecidos para não entrarmos em pânico. E nem há motivos para tal. Você dormiu demais, mas eu, logo que cheguei, entrei em contacto com o pessoal daqui, que é ótimo. Disseram-me que você

sempre acreditou que a vida continuava. Eu também. Para que susto agora?

Realmente meu susto não era tão grande. Nem bem susto era. Apenas queria me situar no tempo e no espaço, pois acordei meio perdido. De fato, sempre li e estudei muito, acreditando piamente na continuidade da vida.

Senti que minha lucidez voltava rápido. Relaxei:

— Quer dizer que não estamos mais lá?

— Não. Você partiu antes de se retirado das ferragens e eu o segui um mês depois, atropelado. Sabe como é, não? Cego corre o risco de cair debaixo de um carro a qualquer momento... Estou aqui há um mês.

— O que significa que dormi dois...

— Contando em tempo de lá, é isto mesmo. Mas o tempo daqui é diferente, sabe disto.

— Bem, eu não tinha ninguém mesmo do lado de lá...

— Nem eu.

Um sorriso largo iluminou o rosto de Paulão, que esclareceu:

— Incrível, meu amigo! Estou recuperando totalmente a visão!

— É... E eu não tenho curativos nem cicatrizes pelo corpo...

— E já que estamos constatando isto, devemos procurar logo uma maneira de trabalhar e ajudar àqueles que não têm ou não tiveram a nossa sorte e o nosso esclarecimento. Concorda comigo?

— Será que já estamos em condições?

— Acredito que sim. Não é o espírito quem comanda? Nosso espírito não está doente, nem cego, nem machucado. Portanto é perfeitamente viável que nos

levantemos agora sem seqüela alguma. Tenho razão ou não?

— É... Pensando bem, é... Mas, nos livros que li falam que tem de haver um tempo de recuperação, de repouso e adaptação, sei lá...

— Falam também que cada caso é um caso. Acho que o nosso caso é bem simples... E já repousamos o bastante, não acha?

— Mas e a adaptação?

— Quer melhor adaptação do que entrosando e trabalhando? Ou vai dizer que quer descansar mais?

— Não. De modo algum! Tudo bem! Vamos logo à direção da casa procurar trabalho! Mas, escuta Paulão: por que estamos juntos? Nunca havíamos nos visto antes... Mesmo tentando trazer à mente tudo que já li, não consigo imaginar uma razão...

— Eu consigo. Vidas passadas... Com o passar do tempo vamos descobrir o que nos liga. Mas, que há algo, há! Tenho certeza...

Sim, devia mesmo haver algo muito profundo, pois eu já simpatizava bastante com o novo amigo, como se o conhecesse há tempos. Perguntei:

— Já que você está tão animado, por onde acha que devemos pedir para começar? Será que poderemos escolher?

Paulão assentou-se na cama, sorrindo. E sua voz soou firme:

— Escolha. Submeteremos aos superiores o nosso pedido de onde gostaríamos de ficar. Eles resolverão. Quanto a mim, estou acostumado com tudo. Nenhum tipo de trabalho me surpreenderá. Já você...

— Você o quê?

— Parece que teve uma vida menos trabalhosa que a minha... Talvez não saiba ainda como lidar com

certos problemas. Acalme-se que isto não desmerece você!

— É... Tive facilidades, mas não felicidades. Não tive família, por exemplo. Filho único, órfão muito cedo, sem parentes e sem rumo no princípio da vida. E você?

— Acho que já nasci sem parentes... Se os tive, nunca os vi. Fui abandonado num banco de igreja, recém nascido e cego. Do banco para um hospital, depois uma creche e depois uma instituição profissionalizante. Adulto, continuei a jornada, morando de favor nos fundos de um armazém e vendendo bilhetes de loteria. Foi o dono do armazém quem me ensinou que a vida não se acaba, que devemos ser bons e que um dia descobriremos a razão das coisas. Ele foi a única família que conheci, digamos assim. Bom o Sr. Jacó!

Paulão sorriu novamente, continuando:

— Não foi uma vida incomum, surpreendente ou interessante. Mas foi a minha vida. Valeu! Deve ter valido, é claro. Aprendi muito. Não me revoltei. Estou em paz. Só ficou um desejo, mas acredito que vou realiza-lo em breve. Eu gostaria de ver as cores, flores, cores em movimento na brisa... Sempre quis saber como é um pássaro, por exemplo. Mas só via sombras... Agora sei que acabou a escuridão. Disseram-me que logo enxergarei nitidamente. Estou feliz!

Ele se levantou e parou na minha frente, deixando de lado o olhar sonhador e caindo novamente na realidade:

— E então? Não quer levantar-se e sair por aí comigo? Digamos que vamos começar o trabalho de entrosamento e adaptação... Afinal, seria uma vergonha darmos mais trabalho, fazendo alguém ter de cuidar de dois marmanjos, não é mesmo?

Obedeci e me levantei, leve como uma pluma, feliz até. Juntos, abrimos a porta do quarto. Juntos saímos, para a Vida!

Sim, senhores, quero apresentar a todos o meu amigo Paulão!

Ubaldo

Sobre a autora – Márcia Constantina

80 anos de trabalho do lado de lá – 50 dos quais dedicados ao serviço voluntário na Santa Casa de Misericórdia – estará de volta hoje Márcia Constantina, mãe de três filhos, avó de oito netos na última romagem.

Estamos nos organizando para recebe-la no salão principal, nós e todos os que foram assistidos por ela do lado de lá. Somos muitos e junto conosco estão os também muitos amigos dela que de cá ficaram, dando apoio de retaguarda.

Será uma bela e curta cerimônia de boas vindas e reencontro, pois, segundo nos comunicou antes de ir, ela quer chegar e reassumir logo as suas funções numa das direções do Hospital dos Adormecidos. Afinal, só foi mesmo à Terra para colaborar com Lídia, a filha de tantas vidas. Aproveitou o tempo e resolveu muitas e várias coisas pendentes para si e para outros amigos, tal qual abelha operosa que nunca descansa. Volta tranqüila e coroada de mais êxitos.

Dentro de algumas horas teremos de volta a nossa boa e amiga orientadora. Márcia Constantina deixará o corpo às 18 horas da Terra, hora do Ângelus. Imediatamente será acolhida aqui, no Salão da Confraternização do Ministério da Recepção.

Temos certeza de que, dentro do tempo e horário da Terra, amanhã, às 8 da manhã, teremos a cadeira de Diretora de Buscas do Hospital dos Desaparecidos ocupada por Márcia Constantina que, em seguida, talvez, já saia nalguma missão de procura dos sonolentos das estradas de cá...

Agnelo,

Primeiro colaborador de Márcia de muitas eras...

“Foi quando Chico Xavier lhe disse, despedindo-se de nós, em seguida, para atender outros companheiros que o aguardavam, ansiosos para registrar-lhe a palavra sempre sábia e confortadora:

- ‘Já que você é jornalista, permita Deus que doravante possa vir a ser, além de jornalista, escritora e médium’ ”.

“... cada vez mais nos convencíamos de que se tratava de experiência séria, narrada de modo bastante descontraído, em estilo inquestionavelmente cinematográfico”.

Trechos de depoimento de Elias Barbosa, médico, escritor e conferencista espírita de renome internacional, residente em Uberaba-MG, referindo-se a trabalhos da escritora e citando uma passagem da vida dela, presenciada por ele.

As pessoas preocupam-se muito com a morte, mesmo que não queiram reconhecer isto. E, principalmente, com as clássicas perguntas: "como foi?", "morreu de quê?".

Morte é estar em trânsito. E gente em trânsito é o que mais há. E toda gente, indo ou vindo, carrega consigo uma bagagem cheia de sentimentos, desejos, tristezas, sonhos, fardos repletos de surpresas... É como se o Éter estivesse saturado de sentimentos, que transitam livremente, carregados por seus viajantes. O futuro, saibam ou não seus caminhantes, é incessante caminho de progresso, passos e passos à frente. Narrar as ocorrências do caminho é uma necessidade imperiosa e uma fonte de informação para quem ainda vem, para quem está chegando.

Roberto Pompeu de Toledo (revista "Veja", edição nº 1675, 15.11.2000), escreveu brilhante ensaio intitulado "A dureza da morte sem narração". Ele fala que existem casos de soldados na guerra que, diante do ataque inimigo, escrevem cartas aos familiares; que passageiros de aviões perto da pane e da queda, rabiscam mensagens aos parentes. E explica: "O problema é que se vêem em face não só da morte, mas de um tipo especial de morte – aquela em que não sobra ninguém para contar a história. Então assumem eles mesmos a tarefa. Vale dizer que os aflige a perspectiva de uma morte sem narração. E à morte em que falta a narração falta algo fundamental". Ele cita o jornalista americano Roger Rosenblatt (Revista Time, 06.11.2000): "Somos de uma espécie narradora. Existimos por força de contar histórias, de relatar nossa situação."
Este livro contém histórias. Histórias contadas pelos próprios personagens delas, nos seus momentos cruciais e com sabor de eternidade. Justamente sobre a passagem deles, a grande viagem.